



Estudantes dispõem de coletes salva-vidas para realização das aulas

FLAVIO DUTRA

ALUNOS DA REDE PÚBLICA PARTICIPAM DE INICIATIVA DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

De segunda a quinta-feira, um ônibus percorre 10 escolas, transportando os jovens até a sede náutica do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, onde ocorrem as aulas. Professores e bolsistas envolvidos no projeto extensionista acreditam que a prática de esportes náuticos desenvolve a organização e a solidariedade entre os jovens.

Página central

Projeto Navegar incentiva a prática de esportes náuticos no Guaíba



internacional

O QUE MUDA NA POLÍTICA FRANCESA COM A VITÓRIA DE SARKOZY

Na opinião do professor Carlos Schmidt Arturi, o resultado das eleições trará uma renovação para a política da França, já que Nicolas Sarkozy elegeu-se com um discurso inovador. Arturi, que chefia o Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UFRGS, acredita que o novo presidente representa a americanização da vida francesa.

Página 10

biocombustíveis

Pesquisadores debatem fontes alternativas de energia

Os professores do Instituto de Química da Universidade, Márcia Martinelli e Roberto Fernando de Souza, expõem suas opiniões sobre o uso de combustíveis renováveis como opção não poluente.

Página 4

ciência

Médica propõe relação entre Gripe Espanhola e infarto

Para a professora Maria Inês Reinelt Azambuja, pandemia de 1918 foi responsável pelo alto índice de mortes por doenças cardíacas registrado nos anos 60.

Página 11

memória

Estatuária reflete parte da história da Universidade

Página 2

Rumo a uma política ambiental

Preservação A UFRGS conta, desde abril, com um setor exclusivo para tratar da implantação de sua política ambiental. Quem está no comando da Coordenação de Gestão Ambiental (CGA) é o professor da Escola de Engenharia, Darci Barnech Campani, que tem o apoio de mais 14 membros entre

técnicos-administrativos e professores, para gerenciar os diferentes projetos ou órgãos voltados às questões ambientais na Universidade. Uma das iniciativas bem-sucedidas da Coordenação é a formação de agentes ambientais nas 29 unidades dos quatro campi. Até agora, já são 97 agentes apurando junto às suas uni-

dades quais aspectos de impacto ambiental precisam ser atendidos localmente. No futuro, a CGA pretende construir um centro de excelência em formação de gestores de unidades de conservação, para suprir a demanda crescente de guarda-parques e de gerentes de unidades de conservação. **Página 7**

Surpresas no trabalho de campo

Pesquisa Boa parte dos cursos de graduação e de pós-graduação da Universidade possui em seus currículos a obrigatoriedade do trabalho de campo. Seja por um dia, uma semana ou por meses, esse tipo de atividade exige do estudante e do pesquisador a necessidade de se desvincular de sua rotina di-

ária, do convívio com familiares e amigos. Se não bastassem todas essas dificuldades, o trabalho de campo reserva ainda diversas situações inesperadas. Alinne Bonetti, doutoranda em Antropologia pela UFRGS, e Soraya Fleischer, doutoranda em Ciências Sociais pela Unicamp, reuniram algumas dessas experiências no livro

Entre saias justas e jogos de cintura, lançado em maio. Para saber um pouco mais sobre o dia-a-dia dos que se envolvem nesse tipo de trabalho, o Jornal da Universidade conversou com um professor do curso de Agronomia e outro do curso de História, que relataram suas aventuras em campo. **Página 6**

ensino

'UNIVERSIDADE NOVA' DIVIDE OPINIÕES NA COMUNIDADE ACADÊMICA

A idéia de uma completa reestruturação da arquitetura curricular do ensino superior público brasileiro é vista com ressalvas por professores e dirigentes universitários. Para o reitor da UFRGS, José Carlos Hennemann, a proposta exigiria mudanças dentro e fora da universidade. Fernando Molinos Pires Filho, do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior, diz que a entidade já publicou dois documentos que se opõem ao projeto de decreto do MEC. No entanto, para o reitor da UFBA, Naomar Almeida Filho, a proposta vai ampliar os horizontes dos universitários. **Página 5**



Obra de Luciano Zanette, escultor que venceu o prêmio de Artista Destaque Especial

LUCIANO ZANETTE

açorianos
ARTISTAS GANHAM RECONHECIMENTO

A comunidade artística da capital conquistou um lugar específico para as artes plásticas na premiação instituída pela Prefeitura de Porto Alegre. Pesquisadores e artistas, muitos deles egressos da UFRGS, tiveram seus trabalhos reconhecidos.

Página 13



Cartas



A reportagem sobre o Núcleo de Pesquisa Arqueológica (NuParq) ficou muito boa. Parabéns.

Silvia M. Copé
Coordenadora do NupArq

Agradeço a matéria sobre o Sarau no Hospital publicada na edição de maio, que deve ajudar na divulgação do projeto. Diferentemente do que foi publicado, não me apresento semanalmente no HCPA, embora coordene todas as atividades.

Daniel Wolff
Coordenador do Sarau no Hospital

Cumprimento a equipe do JU, e agradeço por ter a oportunidade de, através dele, saber do excelente trabalho da instituição, da qual já fiz parte, com muito orgulho.

Maria Ignez R. da Silva Regenin
Professora aposentada da Escola de Enfermagem

e-mail: jornal@ufrgs.br

Memória da UFRGS

ACERVO MUSEU DA UFRGS



► **1986** Demonstração de prática de remo no espelho d'água do Parque Farroupilha, promovida pela Escola de Educação Física da UFRGS. Os esportes náuticos são o tema da reportagem especial desta edição, com destaque para o projeto Navegar, que visa à popularização do remo, da canoagem e da vela.

Espaço da Reitoria

Uma visão por área de conhecimento

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, instituição que demonstra, permanentemente, sua excelência acadêmica nas atividades de ensino, pesquisa e extensão, aceitou, desde seus primórdios, o desafio de educar através da investigação científica, reafirmando assim seu compromisso social, por meio da geração de conhecimentos inovadores que tragam benefícios para a população brasileira.

Foi a partir do ano 1993 que se intensificou a criação de Grupos de Pesquisa na UFRGS: sendo que os dados do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) são eloqüentes quanto à sua evolução e consolidação - alcançamos hoje o patamar de 520 Grupos de Pesquisa que atuam, em seu conjunto, em todas as áreas do conhecimento.

Esses grupos congregam professores, recém-doutores, colaboradores, pós-doutores, técnicos e alunos de graduação e pós-graduação, resultando no envolvimento de mais de 14 mil pessoas.

A UFRGS, uma das cinco maiores instituições de pesquisa do País, lançou recentemente o livro *Grupos de Pesquisa, uma visão por área do conhecimento*. O documento foi

elaborado a partir de dados constantes do Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil mantido pelo CNPq, permitindo que tanto a comunidade interna da universidade quanto a externa avalie a produção científica e tecnológica e as atividades aqui realizadas em conjunto com os mais distintos órgãos públicos e privados.

A pesquisa desempenha papel transformador na realidade da sociedade contemporânea, e a publicação demonstra que a UFRGS conta com inúmeros pesquisadores altamente qualificados, não raro premiados, e que atuam como agentes de mudanças sociais ao proporcionar com seu

trabalho a melhoria da qualidade de vida e do bem estar da população.

O livro reflete ainda a influência fundamental que a pesquisa exerce na qualificação do ensino de graduação e pós-graduação, na formação de recursos humanos e na geração de conhecimentos de excelência, bem como na inserção de saberes em processos e produtos, contribuindo assim de maneira invejável, para o aprimoramento científico, tecnológico e inovador do estado e do País.

José Carlos Ferraz Hennemann
Reitor



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Paulo Gama, 110
Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS
CEP 90046-900
Fone: (51) 3308-7000
www.ufrgs.br

Reitor
José Carlos Ferraz Hennemann
Vice-reitor
Pedro Cezar Dutra Fonseca
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretária de Comunicação Social
Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE

Publicação da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fone/fax: (51) 3308-3368
www.jornal.ufrgs.br

Conselho Editorial
Antônio Sanseverino, Artur Lopes, Dirce Maria Antunes Suertegaray, Edson Luiz Lindner, Fernando Cotanda, Helen Beatriz Frota Rozados, Márcia Benetti Machado, Maria Henriqueta Luce Kruse

Editora-chefe
Ânia Chala
Secretária de redação
Sandra Salgado
Repórteres desta edição
Ânia Chala, Caroline da Silva e Jacira Cabral da Silveira
Bolsista
Juliano Tatsch (jornalismo)
Guilherme Resende Muniz (publicidade e propaganda)
Projeto gráfico e diagramação
Juliano Bruni Pereira
Fotografia
Cadinho Andrade, Camila Ross e Flávio Dutra
Revisão
Ânia Chala, Caroline da Silva e Jacira Cabral da Silveira
Colaboraram nesta edição
Fernando Favaretto, José Carlos de Azevedo e Marcelo Spalding
Circulação
Arthur Bloise
Fotolitos e impressão
Gráfica da UFRGS
Tiragem
12 mil exemplares

Artigo

Estatuária decorativa dos prédios da UFRGS

Instituições em todo o mundo possuem parte significativa de sua história encarnada sob a forma escultórica, em corpo de bronze, pedra e alvenaria, com o objetivo de comemoração pública ou decoração do espaço coletivo. O patrimônio de escultura ao ar livre da UFRGS também reflete, de certa forma, as vicissitudes estilísticas que a instituição testemunhou através dos anos. Os alicerces que serviram de base para a nossa universidade foram constituídos entre 1895 e 1910, com a criação em Porto Alegre dos cursos de Farmácia, Química, Medicina, Engenharia, Agronomia, Veterinária, Direito, Belas Artes e Comércio. Até a década de 1920, na construção de algumas sedes destes cursos, tais edificações utilizaram um recurso que foi uma verdadeira febre na capital gaúcha: a estatuária nas fachadas. Isso ocorreu nos prédios do Observatório (1907-08), Eletrotécnica (1909), Direito (1910), Química (1924) e Parobé (1928). Também o antigo Instituto Júlio de Castilhos (1908-11), incendiado em 1951, recebeu esculturas monumentais, de autoria de Giuseppe Gaudenzi, contratado em Roma pela Escola de Engenharia. Igualmente demolido, o prédio da antiga Escola de Educação Doméstica e Rural (1920) possuía relevos alusivos aos objetivos da instituição. Os prédios da Agronomia (1912), Medicina (1912-24) e Artes (1940) tiveram em seus projetos originais a previsão de rica estatuária, infelizmente não executada. O mesmo ocorreu com o projeto de

1912, não realizado, da reforma da fachada da Escola de Engenharia (1901).

A estatuária da UFRGS é bem representativa do contexto do fachadismo porto-alegrense, do qual destacamos: Paço dos Açorianos (1898-1901), QG Auxiliar (1908), Palácio Piratini (1912-13), antiga Confeitaria Rocco (1913), Shopping Total (1911-14), Banco Safra (1913), Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (1914), Memorial do RS (1914), Editora Centaurus (1915), Edifício Ely (1922) e Santander Cultural (1926). Portanto, a estatuária não foi utilizada somente em prédios públicos, ocorrendo de forma expressiva também em projetos residenciais, comerciais e industriais. As estátuas do fachadismo não são meros resultados da arte industrial; embora realizadas em cimento armado foram elaboradas especificamente - portanto únicas - para as respectivas edificações. Foram modeladas, em sua maioria, por artistas emigra-



Urânia (acima), no Observatório Astronômico, e Alegoria da Luz (ao lado), no Instituto Eletrotécnico

dos da Europa, com formação em academias de belas artes, especialmente da Alemanha, Espanha e Itália, que aqui encontraram um excelente mercado: boom de edificações públicas e privadas; interesse de construtores e arquitetos em seus trabalhos; firmas específicas para a execução das esculturas. Porém, seu contexto, seus artistas e suas obras são praticamente desconhecidos na história da arte do Rio Grande do Sul.

O Instituto de Eletrotécnica possui na fachada duas bem elaboradas alegorias da *Indústria*. Na Faculdade de Direito, figura a estátua de Têmis, deusa da mitologia grega que representa a *Justiça*.

Segundo Fernando Corona, o autor destas estátuas foi um escultor com passagem pela Academia de Belas Artes de Veneza foi o autor destas estátuas: Frederico Pellarin. O Observatório da UFRGS recebeu no alto da fachada um nicho ricamente decorado e centrado na estátua que representa Urânia, entidade mitológica encarregada da Astronomia. Esta obra e também a estatuária dos Institutos de Química e Parobé, por sua vez, não tem seus autores identificados. O primeiro recebeu um par simétrico de estátuas-luminárias que representam a *Alegoria da Luz*, inspiradora das ciências e das artes. O segundo possui um monumental busto do ex-diretor da Engenharia, João José Pereira Parobé, e um rico conjunto no frontão, o qual retrata uma figura feminina amparando dois meninos. Esse grupo simboliza o objetivo do Instituto Parobé, que era o de instruir jovens carentes e filhos de operários nas artes industriais decorativas.

Embora não utilizem estatuária nas fachadas, destacam-se também como jóias do patrimônio cultural os demais prédios históricos da UFRGS: Engenharia (1901), "Château" (c.1902), Engenharia Nuclear (1908), Museu Universitário (1910), Agronomia (1912), Medicina (1912-24) e Rádio da Universidade (1920).

José Francisco Alves
Graduado em Escultura, mestre e doutorando em Artes Plásticas pela UFRGS. Especialista em Patrimônio Cultural pela UIbra

consun

Adiada decisão sobre ações afirmativas

► Em reunião realizada no dia 15 de junho (foto abaixo), o Conselho Universitário da Universidade (Consun) ouviu a apresentação de proposta para a implantação de cotas para afro-descendentes, indígenas e egressos de escolas públicas. O documento, elaborado por uma comissão especial presidida pela professora Céli Regina Pinto, diretora do IFCH, é resultado de cinco meses de trabalho e levou em consideração dados de pesquisas desenvolvidas por outras universidades brasileiras. Após a leitura do projeto, os conselheiros manifestaram-se quanto ao mérito da proposição, mas não houve consenso. A reunião terminou sendo suspensa, e um novo encontro foi agendado para o dia 29 deste mês, quando então a proposta deverá ser votada. De acordo com o projeto, dentre as vagas oferecidas em cada curso de graduação no próximo Concurso Vestibular, 10% serão disponibilizadas para afro-descendentes, enquanto outros 10% serão oferecidos a egressos de escolas públicas. Em 2009, os percentuais passarão a 15% e, em 2010, devem atingir os 20%. A partir desse ano, estes índices permaneceriam fixos até 2018, quando seria realizada a primeira avaliação conclusiva do programa de ações afirmativas. Nos processos seletivos dos cursos técnicos serão mantidas as mesmas proporções de oferta de vagas. A partir de 2008, também haverá reserva de 10 vagas para estudantes indígenas. No ano seguinte, esse número passará para 15 e, em 2010, serão 20 vagas.



CADINHO ANDRADE

ufrgs

Reivindicações mexem com o dia-a-dia da Universidade



FLÁVIO DUTRA

Estudantes e servidores mobilizam-se por mudanças

“Pare agora ou fique 10 anos sem aumento” é o slogan adotado pelos servidores da Universidade para a greve nacional por tempo indeterminado dos técnicos-administrativos das instituições federais de ensino superior, iniciada em 28 de maio. Segundo a Associação dos Servidores da UFRGS (Assufrgs), a adesão chega a 70%. A pauta do movimento segue a indicação específica da Federação dos Sindicatos de Trabalhadores das Universidades Brasileiras (Fasubra): plano de carreira; recursos para o Plano de Saúde Suplementar e em defesa dos Hospitais Universitários (contra o modelo de fundação estatal). A categoria também pretende a reavaliação de outros itens como o que trata da restrição ao direito de greve. Depois de vários contatos, foram abertas as negociações com os ministérios da Educação e Planejamento.



CADINHO ANDRADE

Por dois dias, estudantes tomaram o prédio da administração central (à esq.); servidores fizeram passeata na avenida João Pessoa (abaixo)

Documento acertou acordo com estudantes

Em 5 de junho, o andar térreo da reitoria foi ocupado por estudantes, que apresentaram várias reivindicações ao reitor José Carlos Hennemann e aos pró-reitores. No dia seguinte, uma reunião entre as partes culminou com a elaboração de um documento, que contemplou as seguintes questões: redução em 50% da taxa do vestibular dos candidatos oriundos da escola pública e ampliação do número de isenções totais, por meio da inclusão dos candidatos com renda familiar *per capita* de até R\$ 350; comprometimento com a implementação de ações afirmativas; estudo sobre a viabilidade da abertura de vagas na Creche Universitária para filhos de estudantes; apoio à realização de debates com vistas à ampliação da democracia na Universidade; reafirmação de garantia dos espaços

históricos estudantis; medidas visando à transferência gradativa do Instituto de Ciências Básicas da Saúde para o Campus Saúde, o que possibilitará a instalação do Instituto de Artes em seu novo prédio (no qual funcionou a antiga Faculdade de Medicina), viabilizando obras necessárias no IA; criação de um grupo de trabalho objetivando a disponibilização e estudo de documentos referentes aos expurgos e perseguições durante o período militar; apresentação, no mês de julho, de anteprojeto para a construção de moradia estudantil no Campus do Vale, conforme consta no Plano de Gestão 2004-2008; e, por último, a definição do mês de julho como prazo para a abertura de licitação para a construção do Restaurante Universitário na Esef. Os estudantes aceitaram os termos do documento e desocuparam o térreo da reitoria.

pan-americano Aluna da UFRGS quer ser campeã

► A Universidade Federal do Rio Grande do Sul poderá ter uma aluna vitoriosa nos Jogos Pan-americanos, que iniciam no dia 13 de julho, no Rio de Janeiro. Caroline Lazzar Cardoso, 26 anos, estuda no curso de Nutrição da Faculdade de Medicina e faz seus treinos na Escola de Educação Física, onde o técnico, professor Alexandre Nunes, coordena todo o trabalho físico da atleta. Ela vai disputar uma medalha na luta olímpica, estilo que pratica desde 2003. A história de amor entre Caroline e o esporte iniciou quando foi matriculada por sua mãe em um curso de dança, aos cinco anos de idade. Depois disso, nunca mais abandonou o esporte e chegou a cursar Educação Física em Caxias do Sul. Com muita determinação e vontade de vencer, a



FLÁVIO DUTRA

jovem precisa cumprir uma dieta rigorosa, pois a luta olímpica prevê um peso máximo para a categoria de 63 quilos. Seus dias iniciam às sete horas e, depois do café da manhã, faz yoga, corre por trinta minutos e treina na Esef. O almoço é composto por frutas, muita salada e uma carne magra. Após uma pausa para descanso, o treino reinicia à tarde e se estende até às oito horas da noite. Caroline desembarcará dia 25 de junho, no Rio de Janeiro, e prosseguirá treinando até 26 de julho, quando fará sua apresentação no Rio Centro.

pesquisa

Livro mostra trabalho da Universidade

► Foi lançado, em maio, o livro *Grupo de Pesquisa: uma visão por área de conhecimento*, um guia da produção dentro da UFRGS, onde atualmente existem 520 grupos de pesquisa atuando em todas as áreas do conhecimento. A edição é da Pró-reitoria de Pesquisa e exemplares estão à disposição em todas as bibliotecas da Universidade.

exterior

Bolsa para curso de inverno na Alemanha

► Saiu o edital 2007 para bolsas no curso de inverno de língua e cultura do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD). As inscrições podem ser feitas até 6 de julho, através do Serviço no Rio de Janeiro. Como nos anos anteriores, o programa distribuirá bolsas para os cursos de inverno nas universidades de Freiburg, Essen e Leipzig, que serão realizados de 7 de janeiro a 15 de fevereiro de 2008. Mais informações através do site <http://rio.daad.de/shared/graduacao.htm>

evento

Portas Abertas para a comunidade

► Cerca de 7 mil estudantes do ensino médio participaram, em 19 de maio, do Portas Abertas, evento em que os prédios da Universidade com seus laboratórios, bibliotecas e salas de aula foram apresentados aos visitantes. A programação teve 255 ações, entre palestras, visitas guiadas, oficinas e debates. Durante a atividade, também foram dadas orientações sobre o mercado de trabalho e esclarecimentos sobre o currículo dos cursos.

pós-graduação

Seleção para o mestrado em Design

► O programa de pós-graduação *stricto sensu* em Design estará recebendo, até 16 de julho, a documentação dos candidatos ao processo de seleção para o curso de mestrado. As inscrições podem ser feitas no prédio da Engenharia Nova (Av. Osvaldo Aranha, 99 salas 607 e 604), de segunda a sexta-feira, das 9h às 12h e das 14h às 18h, ou via correio. O curso terá como eixo central o projeto e a educação de recursos humanos para investigar, conceber e avaliar produtos e interfaces científicas e tecnológicas.

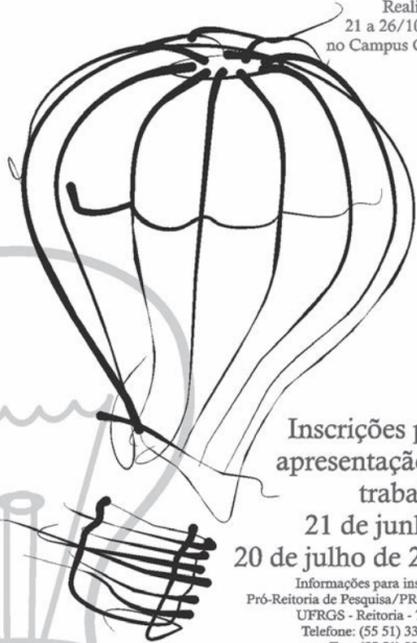
alimentação

RU do Campus Saúde agora serve janta

► Atendendo a uma antiga reivindicação da comunidade universitária, desde o dia 13 de junho, o RU do Campus Saúde está oferecendo jantar. Situado na rua Ramiro Barcelos, 2.500, o restaurante tem horário de atendimento das 17h30min às 19h. Outra novidade na área da alimentação foi a implementação de modificações nos restaurantes do Campus Centro e do Vale que permitem um melhor fluxo dos usuários, com redução significativa do tempo de permanência em filas. A iniciativa é resultado de estudo do grupo de trabalho formado pela Secretaria de Assuntos Estudantis, Empresa Júnior da Escola de Engenharia e Diretório Central de Estudantes, e reforça a política de soluções compartilhadas da atual Administração da Universidade com os órgãos de representação estudantil.

Pró-Reitoria de Pesquisa - PROPESQ
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
XIX Salão de Iniciação Científica
XVI Feira de Iniciação Científica
II Salão UFRGS Jovem

Realização:
21 a 26/10/2007
no Campus Central



Inscrições para apresentação de trabalho:
21 de junho a 20 de julho de 2007

Informações para inscrições:
Pró-Reitoria de Pesquisa / PROPESQ
UFRGS - Reitoria - 7º andar
Telefone: (55 51) 3308 3209
Fax: (55 51) 3308 3766
e-mail: salao@propesq.ufrgs.br
www.ufrgs.br/propesq





BIOCOMBUSTÍVEIS

UM DOS GRANDES DESAFIOS tecnológicos da atualidade é a busca de processos que minimizem as agressões ao meio ambiente. Neste contexto, um dos grandes vilões é o gás carbônico (CO₂), resultante da queima de diferentes produtos, principalmente daqueles destinados à produção de energia, quer para a indústria, quer para automóveis. Segundo o professor do Instituto de Química da UFRGS, Roberto Fernando de Souza, cerca de 30% da poluição do meio ambiente que contribui para o aquecimento global, provém da queima de combustíveis fósseis utilizados em veículos de transporte. Mesmo considerando que o petróleo é responsável por 80% da energia mundial, diferentes setores da sociedade de vários países percebem como inevitável a busca de fontes alternativas de combustíveis. Neste sentido, a coordenadora do Grupo de Oleoquímica do Instituto de Química da UFRGS, Márcia Martinelli, enfatiza a importância do biodiesel por ser um produto totalmente obtido de fontes naturais e renováveis. Já Roberto de Souza lembra que os biocombustíveis também contribuem para a produção de CO₂, que passam pelo processo da queima.



Plantação de girassóis no campo de experimento da Empaer em Cáceres, Mato Grosso

FOTO: GUILHERME FILHO/SECOM-NT

Combustíveis renováveis são opção não poluente

Roberto Fernando de Souza*

Este século ficará marcado pelo desafio da mudança da matriz de fontes energéticas utilizadas pelo ser humano. Atualmente, o funcionamento energético da sociedade é baseado no uso de combustíveis fósseis (carvão, gasolina, diesel etc.), energia hidráulica e energia nuclear, complementado por fontes energéticas como a energia solar e a eólica.

A questão premente que se coloca é ligada à diminuição da quantidade total de petróleo, o que implica em sua substituição progressiva como fonte energética, devendo ser preservado para uso na produção de bens necessários, como, por exemplo, os plásticos, hoje imprescindíveis em nosso cotidiano. Uma das principais soluções propostas para este problema é o uso do que se costuma chamar de bioenergia, isto é, o uso de combustíveis de origem vegetal, como o álcool e o biodiesel. Trata-se de opção interessante sob o ponto de vista de que são recursos renováveis já que as plantas crescem às expensas de energia solar, do CO₂ do ar e dos demais nutrientes retirados da terra.

Resta fazer a avaliação do impacto ambiental associado a cada uma das alternativas pro-

postas. A queima de gasolina, diesel, ou qualquer um dos combustíveis de origem fóssil, gera duas famílias de compostos poluentes: os gases oriundos de enxofre e nitrogênio (SO_x, NO_x), responsáveis por problemas como a chuva ácida; e o CO₂, responsável por parcela significativa do aquecimento global, através do efeito estufa. Os biocombustíveis têm a vantagem de não conter quantias significativas de enxofre nem de nitrogênio, não tendo, portanto, o efeito de gerar chuva ácida. Mas não se pode esquecer que a queima de tais combustíveis gera a mesma quantidade de CO₂ que aquela produzida pelos combustíveis fósseis. Isso deve ser ressaltado para corrigir a percepção corrente de que estes combustíveis são "limpos", o que é apenas parcialmente verdadeiro. A produção de CO₂ é um dos principais itens de debate na atualidade, já que seu acúmulo na atmosfera é diretamente ligado ao aquecimento global, via efeito estufa.

O tempo de vida do CO₂ na atmosfera é avaliado como sendo de 80 a 100 anos

Dois dados são essenciais na análise do efeito do CO₂ sobre o meio ambiente: primeiro o aumento de 10 ppm de CO₂ na atmosfera gera o aumento de 1°C na temperatura terrestre; segundo, o tempo de vida do CO₂ na atmosfera é avaliado como sendo de 80 e 100 anos. Isto é, o CO₂ produzido pela queima de qualquer um dos combustíveis discutidos vai se acumular na atmosfera, gerando efeito estufa, sendo reabsorvido pelas plantas somente no prazo de 80 a 100 anos.

Todas estas considerações levam à necessidade inexorável de uma nova via, que inclua combustíveis limpos. Nesse contexto, logo aparece o hidrogênio, que pode ser produzido por eletrólise da água e usado em Células a Combustível para gerar energia elétrica, aplicável no acionamento de motores elétricos em carros, dispositivos estacionários em residências etc.

No caso dos automóveis está comprovado que esta é uma opção tecnologicamente apli-

cável, com destaque para o fato de que o subproduto na saída do escapamento é apenas água. Todas as grandes companhias automotivas estão com seus carros movidos a hidrogênio em teste nas ruas, esperando o momento em que a sociedade tomará a decisão de alteração de tecnologia.

O argumento apresentado contra o uso do hidrogênio é seu custo de produção, atualmente estimado como sendo, em números grosseiros e dependentes de cada configuração, o dobro do custo da gasolina. Este custo de produção é real, na configuração atual, mas não inclui os custos com a despoluição do planeta, que serão inevitavelmente pagos com impostos dos contribuintes que optaram por uma alternativa mais barata no imediato, mas extremamente mais onerosa a longo prazo.

Trata-se de uma decisão política, na qual a sociedade vai ter de se posicionar quanto às exigências ambientais aplicáveis às fontes energéticas por ela adotadas.

* Coordenador do Grupo de Catálise do Instituto de Química da UFRGS

Investindo na viabilização do biodiesel

Márcia Martinelli*

O biodiesel é um produto derivado de fontes renováveis, através de uma reação química entre óleo vegetal e álcool. Praticamente todos os óleos vegetais, gorduras animais, bem como óleos utilizados em processos de frituras podem ser utilizados como matéria-prima oleaginoso. No Brasil, o etanol pode ser obtido a partir do álcool, que também provém de uma fonte renovável, a cana-de-açúcar, ou do metanol, a partir de uma fonte petroquímica. Deste processo obtém-se também glicerina e água. Assim, o biodiesel é um produto importante, principalmente pela característica de ser totalmente obtido de fontes naturais e renováveis.

Como combustível, o biodiesel apresenta propriedades semelhantes ao diesel. No entanto, por ser de origem petroquímica, o diesel produz na sua queima compostos poluentes e geradores do efeito estufa; enquanto a queima do biodiesel reduz significativamente a quantidade desses gases. Na reação de combustão do biodiesel, os produtos gerados equivalem à quantidade de carbono que foi retirada da atmosfera durante a formação do óleo pela planta, através do processo de fotossíntese. Outra

aplicação para o biodiesel é a geração de energia elétrica para comunidades isoladas, nas quais a energia elétrica produzida por via termoelétrica, eólica, hidrelétrica ou outras fontes, é inexistente ou inacessível.

Apesar do uso de óleos vegetais e derivados ter sido proposto desde 1912 por Rudolph Diesel, somente na atualidade o biodiesel tornou-se uma alternativa energética. Sua viabilidade aumentou devido a alguns fatores: 1) a conquista agrônoma, que desenvolveu condições para a produção agrícola em larga escala, permitindo a produção de óleos vegetais em quantidades excedentes às necessárias para a alimentação e, assim, viabilizando seu uso para a substituição parcial do diesel, principalmente em frotas cativas; 2) o alcance de um nível de poluição que tem provocado danos ecológicos quase irreversíveis, forçando a substituição, mesmo que parcial, do petróleo como combustível; 3) o preço extremamente elevado do pe-

Químicos da UFRGS buscam novas rotas para a produção de biodiesel

tróleo em nível mundial; 4) na mesma ordem de importância dos fatores anteriormente descritos, encontram-se o convencimento da comunidade mundial em permitir a mudança da matriz energética principal – o petróleo – e a determinação do governo brasileiro em investir no desenvolvimento e na exploração de matérias-primas regionais de fontes diversificadas, tais como soja, mamona, palma etc.

O Instituto de Química da UFRGS tem colaborado intensamente no processo de apoio e viabilização do biodiesel. Através do grupo de pesquisa em Oleoquímica, participou ativamente da proposta enviada ao governo do estado para o lançamento do Programa Biodiesel RS. O grupo de Oleoquímica conta com a participação de 17 pesquisadores, que têm suas linhas de pesquisas voltadas à síntese de derivados oleoquímicos; desenvolvimento de novas metodologias analíticas, novos catalisadores e novos materiais, baseados na matéria-prima de fonte renovável que

representa os óleos vegetais.

As pesquisas sobre biodiesel realizadas no Instituto envolvem a criação de novas rotas para a produção de biodiesel, utilizando catalisadores mais seletivos, síntese de derivados de óleos vegetais com aplicação como aditivos, lubrificantes e marcadores. As pesquisas estendem-se também ao desenvolvimento de metodologias para o controle de qualidade do biodiesel. Incluem-se aqui as propostas para novas aplicações do subproduto – a glicerina – que, por ser obtida em grande escala devido ao volume de biodiesel que está sendo produzido, tornou-se um problema em potencial. Além da pesquisa já estabelecida através de seus professores e pesquisadores, o Instituto de Química, através do Centro de Combustíveis (Cecom), possui laboratórios certificados pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) para monitoramento da qualidade de combustíveis, biocombustíveis, lubrificantes e óleos do estado.

* Coordenadora do Grupo de Oleoquímica do Instituto de Química



A polêmica do projeto

Universidade Nova

Ensino superior
Proposta que prevê a completa reestruturação do sistema de graduação nas universidades públicas precisa ser avaliada

O projeto Universidade Nova consiste numa proposta de reestruturação da arquitetura curricular da educação superior pública brasileira. Para o reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Naomar Almeida Filho, que esteve na UFRGS defendendo a implantação do projeto, a iniciativa de reavaliação precisa partir das próprias instituições de ensino.

O reitor baiano diz que as universidades passariam a funcionar através do sistema de ciclos, em que o primeiro seria de formação geral e interdisciplinar, chamado de Bacharelado Interdisciplinar. O segundo ciclo estaria voltado para a profissionalização e poderia ter uma duração menor do que as graduações hoje oferecidas no ensino superior, em que a formação é precocemente especializada. Almeida Filho argumenta que aquilo que a universidade oferece como diversidade não é aproveitado pelos alunos que entram na instituição. “Pela proposta o ensino superior passa a ter como requisito da qualificação profissional a formação em arte, cultura e ciência. Assim, todos os que desejam ingressar na univer-

sidade não terão de reduzir seu horizonte de projeto à mera formação técnica profissional, como ocorre atualmente.” Ele explica que, no primeiro ano de Bacharelado Interdisciplinar, o estudante terá contato com três culturas: humanística, artística e científica. “Desde o primeiro semestre, o aluno deverá incorporar, independente de sua área de formação, os chamados elementos interdisciplinares da cultura científica, como a filosofia da ciência, o raciocínio quantitativo, a ética na produção de conhecimento etc.”

Conforme aponta um parecer do Conselho Nacional de Educação de 2006, a atual estrutura da formação universitária brasileira coloca o país diante do pior dos mundos: nas áreas em que mais se necessita de maturidade, o Brasil tem a formação mais curta. “Em nosso país, um médico é formado em seis anos, enquanto nos Estados Unidos esse aprendizado se dá em oito anos. Mas o estudante americano não entra direto na profissionalização, porque precisa demonstrar uma série de elementos de maturidade. Por outro lado, em carreiras como a matemática e a física, em que o ápice é muito cedo, estamos formando profissionais tardiamente. Nosso sistema perverte as potencialidades.”

Uma pesquisa do IBGE, que fez o cruzamento entre a profissão declarada e a profissão exercida, indicou que as universidades brasileiras não estão produzindo os profissionais que o mundo do trabalho necessita. Um exemplo: em cursos como o de Filosofia, apenas 5% dos graduados exercem atividade na área.

Mudanças além da academia – De acordo com Almeida Filho, o vestibular é traumático e competitivo para certas carreiras, impondo sobre

todo o sistema universitário um fardo de exclusão muito grande. Com o Bacharelado Interdisciplinar isso não ocorreria, porque a competição se daria em duas etapas: uma primeira seleção para ingresso nos cursos interdisciplinares, e outra, para a entrada nas carreiras profissionais. Nessa segunda fase, haveria uma disputa específica, conforme o tipo de seleção de cada carreira. “Estamos propondo a diversificação da metodologia de seleção, que atualmente é unificada, atendendo a diferentes inteligências. Hoje, o vestibular favorece quem é capaz de memorizar e ter bom desempenho pontual em testes. Com isso, a universidade deixa de receber aqueles que têm uma inteligência compartilhada e são capazes de trabalhar em equipe. Também são excluídos os que apresentam melhor desempenho em processo, isto é, que criam fazendo coisas que não estão nas pautas de perguntas. São inteligências que a universidade está perdendo.”

Questionado sobre como a proposta pretende lidar com o bacharelismo arraigado na cultura nacional, Almeida Filho argumentou que a idéia é colocar a organização das corporações no lugar correto. “Elas são instâncias de regulação da prática profissional, mas não podem ser agências definidoras dos conteúdos de formação, essa é uma extrapolação do mandato dessas instituições. Por isso, estamos muito conscientes de que o projeto da Universidade Nova não é antagônico à regulação das formações profissionais. Ao contrário, define que a supervisão e o controle de qualidade da ação profissional é algo que a universidade não pode assumir no lugar das corporações e dos conselhos de ordem. Eles é que precisam fazer isso.” Para o dirigente, temos uma inversão histórica em nosso país: “meu



No primeiro ano de Bacharelado Interdisciplinar os estudantes terão contato com as culturas artística, humanística e científica

diploma de médico, por exemplo, me permite exercer a medicina mesmo que eu não tenha mais nenhuma qualidade na minha prática profissional. Isso porque o registro do diploma é obrigatório. É o diploma que

atesta a minha capacidade profissional. Isso está errado. A universidade atesta um processo formativo, que fica obsoleto no dia da entrega do diploma”, conclui.

(Ánia Chala e Jacira Cabral da Silveira)

Proposta exige mudanças dentro e fora da Universidade

Para o reitor da UFRGS, José Carlos Ferraz Hennemann, o projeto Universidade Nova tem o mérito de colocar em discussão a arquitetura curricular dos cursos de graduação, mas não é uma boa solução para a organização do sistema acadêmico brasileiro. “O projeto é muito difícil de ser aplicado pela maneira como estão estruturadas as universidades federais. Haveria um impacto direto na sociedade, já que no Brasil existe uma estreita vinculação entre o diploma que é conferido pelas universidades e o registro profissional. Portanto, essa não é uma mudança que possa ocorrer única e exclusivamente nas universidades.”

Hennemann acredita que outros pontos da proposta teriam repercussão interna, com a disputa por vagas nos cursos mais procurados sendo realizada dentro das próprias instituições de ensino. “Já se tentou algo semelhante nos anos 70, quando foi criado o Ciclo Básico, mas as universidades acabaram abandonando essa sistemática, porque nos cursos de maior procura os alunos não encontravam vaga. O projeto poderá ser implantado com sucesso numa universidade recém criada. É o que está acontecendo, por exemplo, na Universidade do ABC, em São Paulo, uma instituição técnica na área das engenharias.”

Em abril deste ano, foi emitido o decreto que instituiu o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), contendo uma série de propostas às universidades e prevendo a alocação de recursos para a implantação dessas melhorias. O decreto estabeleceu como diretrizes: redução das taxas de evasão, ocupação de vagas ociosas, aumento do ingresso nos cursos noturnos, ampliação da mobilidade estudantil, revisão da estrutura acadêmica, diversificação das modalidades de graduação, ampliação das políticas de inclusão e assistência estudantil, articulação entre graduação

e pós-graduação e articulação entre educação superior e educação básica. Na opinião do reitor, essas diretrizes incluem uma revisão da estrutura acadêmica, em que o projeto Universidade Nova é uma alternativa, mas não necessariamente a única.

Contudo, o professor entende que a discussão do projeto Universidade Nova tem o mérito de abrir espaço para a discussão de uma série de outros problemas, como a evasão estudantil, a utilização plena das vagas e a mobilidade acadêmica. “A discussão é positiva, mas o projeto não apresenta uma arquitetura viável de ser aplicada numa instituição como a UFRGS”, conclui.

“

Já se tentou algo semelhante nos anos 70, quando foi criado o Ciclo Básico, mas as universidades acabaram abandonando essa sistemática, porque nos cursos de maior procura os alunos não encontravam vaga.”

JOSÉ CARLOS FERRAZ HENNEMANN

Sindicato diz que projeto desvincula ensino, pesquisa e extensão

Desde o início do ano letivo, a diretoria do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes-SN) já publicou dois documentos que se opõem ao projeto de decreto do MEC no que diz respeito à Universidade Nova. De acordo com o primeiro vice-presidente da Secretaria Regional do Rio Grande do Sul do Sindicato, Fernando Molinos Pires Filho, na avaliação da entidade está explícita a tentativa de promover significativa expansão das vagas e das matrículas nas instituições federais de ensino superior,

sem o correspondente financiamento. “Nossa análise indica que as camadas populares não serão favorecidas com essas propostas.”

Segundo Molinos, o movimento docente discorda quando o projeto pressupõe que a atual estrutura física e os recursos humanos estariam sendo subutilizados, propondo a ampliação da meta global de elevar a taxa de conclusão média em cursos presenciais para 90% e aumentar a relação estudantes/professor para 18/1, ao final de 10 anos. Atualmente, essa razão é da ordem de 10 para

1, o que significa que a meta sugerida quase dobra o número de alunos na graduação presencial sem que haja contratação adicional de professores.

Para o dirigente, a relação estudante/professor prevista no projeto não leva em consideração o trabalho desenvolvido pelo docente em atividades de pesquisa e de extensão, muito menos aquelas realizadas na pós-graduação: “A meta proposta revela a adoção de um modelo de instituição que desvincula ensino, pesquisa e extensão, o que é incompatível com os princípios basilares da universida-

de e a qualidade requerida para a formação discente.”

Outro problema levantado por Molinos é o da competição entre estudantes e entre as universidades. No primeiro caso, após os três anos de formação conjunta no Bacharelado Interdisciplinar, o professor acredita que se instalaria uma grande competição para selecionar a minoria de alunos para os cursos profissionalizantes. Quanto às universidades, ele considera que o clima de disputa se daria na busca pela maior parcela dos escassos recursos para a educação.

“

Avaliando as disposições previstas no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), que limitam gastos com contratação e reajuste de servidores públicos, conclui-se que, de fato, não haverá provisão de novos recursos para atender aos objetivos propostos.”

FERNANDO MOLINOS PIRES FILHO



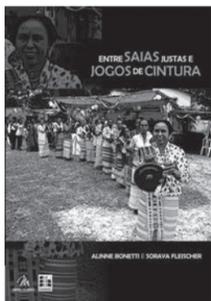
O inesperado e o surpreendente no trabalho de campo

Pesquisa Problemas e surpresas de quem se aventura em busca do conhecimento

O trabalho de campo não é somente parte obrigatória de uma pesquisa. Sair do local onde mora, conviver com outras pessoas, experimentar diferentes culturas, aprender e ensinar. Tudo isso faz parte da vida de quem passa dias, semanas ou até meses fora de casa pesquisando. O dia-a-dia de um pesquisador que vai a campo observar e conhecer melhor seu objeto de estudo, porém, reserva muito mais do que “apenas” o trabalho de estudo. Situações inesperadas e surpreendentes aguardam a ambos, pesquisador e pesquisado.

É sobre estas ocasiões em que o visitante se encontra sem saber muito bem o que fazer, que trata o livro *Entre saias justas e jogos de cintura*, organizado pelas antropólogas Alinne Bonetti e Soraya Fleischer. As duas compartilharam os mesmos dramas e dificuldades de quem deixa a cidade natal, a família e os amigos para trás e passa a viver de um modo totalmente diverso do de costume. A publicação resgata essas experiências através dos relatos de 12 antropólogas que fizeram seu trabalho de campo em diferentes cidades do Brasil.

A gaúcha Alinne, estudante de doutorado em Antropologia na UFRGS, e a brasileira Soraya, doutoranda em Ciências Sociais pela Unicamp, se conheceram em Florianópolis em 2004 e, em outubro do mesmo ano, se encontraram em Recife, onde ambas



Entre saias justas e jogos de cintura, EDUNISC/Ed. Mulheres, 370 págs, 2007

estavam fazendo sua pesquisa de campo. Diante da rotina de acordar cedo e passar o dia pesquisando, chegavam em casa à noite com a cabeça repleta de questionamentos. A ideia do livro surgiu da tentativa de resgatar essas discussões e conversas. “Nós trocávamos muitas ideias e achamos que tínhamos que registrar isso, pois outras pessoas poderiam estar passando pelas mesmas situações. No Brasil, não há nada publicado sobre isso. O que se tem

sobre a pesquisa de campo sempre aparece nas teses de forma muito marginal, em notas de rodapé ou item ou subitem dentro do capítulo metodológico”, afirma Soraya.

Saber perguntar – Como o trabalho de campo envolve diversas circunstâncias e situações que diferenciam cada ocasião e cada pesquisa, não

existe uma regra ou uma receita pronta. Por isso, o livro não é um manual. Apesar de não haver normas a serem seguidas, Alinne ressalta que o segredo está em saber questionar. “Fazer uma boa etnografia, um bom trabalho de campo é saber formular perguntas, mais do que trazer respostas”, afirma.

O cenário que o pesquisador encontra no campo, na maior parte das vezes, faz com que ele tenha de mudar de rumo e alterar o projeto inicial. As reações, as dificuldades e os obstáculos transformam o modo como o pesquisador vê aquele objeto de estudo. “As dificuldades que são enfrentadas na pesquisa vão mostrando outras questões. Surge daí a necessidade de aprender a formular perguntas, porque o campo mostra coisas que o pesquisador ainda não tinha pensado e o faz refletir, perguntar outras coisas, e trazer outras questões que vão tornar a análise mais completa”, observa a antropóloga.

Juliano Tatsch

Trabalhando sob tensão no Oriente Médio

Se realizar trabalho de campo pode ser difícil e complicado, imagine quando ele tem de ser feito em outro país, com uma cultura totalmente diferente e, ainda por cima, em uma zona com grande instabilidade política e militar. Pois o professor do Departamento de História da UFRGS, Francisco Marshall, viveu essa experiência. Em seis expedições científicas, o pesquisador esteve em Israel para a realização de escavações arqueológicas do Projeto Apollonia, no sítio de Apollonia-Arsuf, na cidade de Herzliya, localizada 15 quilômetros ao norte de Tel Aviv.

Jornal da Universidade – O senhor poderia relatar algumas situações inesperadas ou surpreendentes que ocorreram durante o trabalho de campo?

Francisco Marshall – Várias. Em 1998, fui convidado para jantar com um auxiliar da equipe israelense, o motorista do trator que levava as ferramentas ao sítio, um tipo muito humilde que não falava inglês. Para minha surpresa, ele era um importante personagem árabe-israelense, e me levou para conhecer sua aldeia árabe, onde fui recepcionado solenemente pelo conselho de anciãos, na condição de líder brasileiro. De modo muito cordial e bonito, explicaram-me todo o funcionamento de uma comunidade árabe. Seguiu-se um maravilhoso banquete e vínculos de hospitalidade que até hoje põem aquele grupo a serviço e proteção da equipe brasileira. Em outra ocasião, em visita aos subterrâneos de Jerusalém, saímos por uma passagem oculta no meio do bairro árabe, onde nos aguardava uma escolta de jovens soldados israelenses, armados pesadamente, para nos levar ao ponto de origem, no Muro das Lamentações. Uma expedicionária nossa, muito alegre e solta, resolveu adiantar-se do grupo correndo, para bater uma foto. Quase morreu metralhada.

JU – Qual o seu maior susto ou imprevisto no campo? Como o senhor e a equipe reagiram?

FM – Esta última situação foi muito perigosa. Com muita calma, conseguimos tranquilizar os soldados israelenses e os nativos árabes. Por muito pouco não aconteceu uma catástrofe. Igualmente, várias vezes tentaram nos enganar em preços e valores, sempre sem sucesso. É freqüente a tensão quando se chega à fronteira e no retorno.



ARQUIVO PESSOAL

Francisco Marshall relembra situações de risco em expedição à Israel (acima)



JU – Em alguma ocasião foi preciso mudar o modo de trabalho em campo ou alterar a rotina em razão de algo inesperado?

FM – Muitas vezes, pois Israel é um país conflagrado, com inúmeros cenários de tensão. Em 2006, com a guerra no Líbano, as populações civis de Haifa refugiaram-se no Sul, ocupando nosso acampamento e forçando o cancelamento de uma expedição preparada por dois anos, com custo superior a 50 mil dólares. O projeto de visitar Jericó, sítio da cidade mais antiga do mundo, não se realizou pela dificuldade de entrar em território palestino com placas israelenses. Isto que já passei a menos de 5 km da cidade em diversas ocasiões.

JU – O professor trabalhou em uma região de conflitos constantes. Como é pesquisar em um local em que a

instabilidade de relações entre povos vizinhos está sempre presente?

FM – Sente-se no ar uma tensão muito grande, que interfere nos comportamentos e no ritmo da vida diária. Mesmo que a população local, por medida de autoproteção, afirme viver normalmente, de fato nota-se o peso do medo. Igualmente, oriento a equipe a não se meter em assuntos internos, o que por vezes é penoso e difícil, especialmente para jovens humanistas. Do ponto de vista da segurança pessoal, não há muito a temer, pois o controle é grande. Em geral, tem-se mais segurança em Israel do que em qualquer lugar do Brasil. Vê-se também o desconforto de muitos árabes e árabe-israelenses, pois a situação é por vezes constrangedora. Para vermos o mundo árabe, temos que procurá-lo, pois a tendência é que ele nos seja ocultado por guias e amigos.

JU – Como a relação com a população local interferiu ou pode interferir no trabalho de campo?

FM – Positivamente. Somos sempre acolhidos de modo muito generoso e hospitaleiro. Os brasileiros, em geral, são vistos com alta estima tanto por israelenses quanto por árabes. Estes têm um fascínio enorme pelo futebol brasileiro e gostam muito da nossa música também. Nas escavações, testemunhamos o mosaico étnico que forma a nação israelense, com a participação de russos, falashas (negros etíopes), sefardis (do Norte da África), hindus, chineses e outros, todos reconhecidos como judeus e empregados pelo Estado, a nosso serviço. A arqueologia sempre se serve de trabalho voluntário local, o que amplia as amizades.

Conhecendo a UFRGS

Astrofísica e Engenharia de Alimentos juntas na pesquisa científica

Por Fernando Favaretto

Técnicas observacionais de astrofísica aplicadas à tecnologia de alimentos? O que pode parecer incomum revela-se um grande avanço em direção à interdisciplinaridade. A interação entre as diversas áreas do conhecimento tem sido um dos grandes avanços das universidades no mundo todo, como é possível perceber no projeto *Do mega ao nano*, realizado junto ao Laboratório de Toxicologia do Instituto de Ciência e Tecnologia de Alimentos (ICTA).



LABORATÓRIO DE TOXICOLOGIA

Fotometria astronômica ajuda na identificação de toxinas

Coordenado pela professora Isa Beatriz Noll, o projeto conta com a colaboração do professor Horácio Dottori, do Instituto de Física, que compartilha seus conhecimentos acerca das técnicas de fotometria astronômica com a equipe do Laboratório. Tendo como preocupação a qualidade dos alimentos que chegam às pessoas, o grupo do ICTA isola fungos de produtos como milho, maçã e amendoim para detectar seu potencial toxicogênico, a fim de descobrir se esses fungos são ou não produtores de micotoxinas. A investigação utiliza a cromatografia de camada delgada, que é qualificada com as técnicas de fotometria, como destaca a doutoranda Michele Hoeltz: “Algumas micotoxinas têm uma fluorescência natural que se manifesta quando elas são colocadas em contato com a luz ultravioleta. É o caso das aflatoxinas, encontradas no amendoim, e da patulina, comum no suco de maçã, principais objetos de pesquisa do nosso laboratório no momento”.

Idealizador de um equipamento que permite a aplicação da fotometria à análise toxicogênica dos alimentos, o professor Horácio explica como percebeu que poderia auxiliar nesse processo: “O laboratório tinha um problema que era medir a fluorescência de toxinas, daí surgiu a ideia de fazer as medições fotométricas das micotoxinas, o que nós chamamos *do mega ao nano*, porque vai dos tamanhos mega em astronomia aos nano das medições que eles estão fazendo no laboratório.” Para a professora Isa, a aproximação com o Instituto de Física foi uma conquista, cuja contribuição é indiscutível.

Assista ao programa



UFRGS TV

Conhecendo a UFRGS, produzido pela UFRGS TV, que será exibido em 26 de junho, com reprise no dia 5 de julho, às 21h30min, através da UNITV, canal 15 da NET.

Preservar a vida como um todo

Meio ambiente *Política de Gestão Ambiental da UFRGS começa a ser desenvolvida com a criação de coordenadoria especial*

Jacira Cabral da Silveira

Já existem 97 agentes ambientais nas 29 unidades dos quatro *campi* da UFRGS. E esse número só tende a aumentar, conforme o coordenador de gestão ambiental da Universidade, professor Darci Barnech Campani. “Cada agente deverá apurar junto a sua unidade os aspectos de impacto ambiental (lâmpadas fluorescentes usadas, manutenção de ar condicionado etc.), gerando planos de ações com base numa ferramenta de gestão que fará o monitoramento de tais impactos,” explica o professor da Escola de Engenharia.

Criada em abril deste ano, a Coordenadoria de Gestão Ambiental (CGA), está temporariamente localizada na prefeitura do Campus Centro, 5º andar do prédio da reitoria. Campani conta com o assessoramento da arquiteta Márcia Meira Winckler e com os 14 membros da Coordenadoria, composta por agentes administrativos e professores. Essa estrutura gerenciará os diferentes projetos ou órgãos ligados ao novo setor, responsável pela implantação da Política Ambiental da UFRGS. “Preservar a vida como um todo”, segundo Campani, este é o foco central da coordenação no desenvolvimento de uma cultura pró sustentabilidade.

Ações – De acordo com o professor, embora poucas e pulverizadas, não são novas as iniciativas na Universidade com vistas ao gerenciamento ambiental. Em 2006, o Conselho Universitário aprovou o projeto de criação do Refúgio da Vida Silvestre, que corresponde a 321 hectares do Morro Santana. Assim que o Ibama consolidar o projeto, qualquer empreendimento no entorno da área preservada que tenha licenciamento ambiental, deverá repassar ao Refúgio uma parcela do valor total do investimento, como cumprimento de medida compensatória prevista em lei.

Futuramente, diz Campani, um dos planos da Coordenação é construir um centro de excelência em formação de gestores de unidades de conservação, para suprir a demanda crescente de guarda-parques e de gerentes de unidades de conservação. O Centro será instalado entre o Refúgio da Vida Silvestre e o município de Viamão, abaixo do reservatório do Campus Vale. Segundo Márcia, a definição do local justifica-se pela proximidade com os cursos do Centro de Ecologia, do Centro de Biotecnologia, dos departamentos de Biofísica e de Botânica, do Herbário, do Instituto de Biociências e do departamento de Zoologia.

Outro projeto em andamento é o Papa-pilhas, uma parceria da Universidade com o Banco Real, através da qual serão instalados na UFRGS 11 pontos coletores de pilhas e baterias portáteis (de relógios, *laptops*, *palmtops*, filmadoras, calculadoras, câmaras digitais, rádios etc.). Conforme consta no panfleto de divulgação da campanha, deve ser evitado o consumo de pilhas falsificadas, pois possuem até dez vezes mais substâncias prejudiciais à saúde e ao meio ambiente. No Instituto de Artes já está funcionando o primeiro posto Papa-pilhas, e a liberação dos demais centros coletores depende da autorização da Secretaria Municipal do Meio Ambiente.

Mapear os riscos – Em uma uni-



Lixeiras localizadas nos *campi* receberam sinalização indicativa

FLAVIO DUINA

versidade como a UFRGS, que se destaca pelo grande volume de pesquisas em todas as áreas, é natural a utilização de produtos e processos com diferentes potenciais de risco de desastre. Segundo Campani, esta é a razão principal para a criação do Centro de Ensino e Pesquisa em Desastres, uma das metas da nova coordenação. Uma das primeiras ações neste sentido será o mapeamento das zonas de risco em todos os *campi* para que, através da informação, a comunidade universitária tome consciência da estrutura por onde transita e adote comportamentos adequados conforme a situação.

Como o gerenciamento destes e outros locais a partir de agora contará com a supervisão da Coordenação de Gestão Ambiental, Campani destaca o que classifica de grandes ações do setor. O Centro de Gestão e Tratamento de Resíduos Químicos, do Instituto de Química, e o Serviço de Proteção Radiológica, do Instituto de Física, foram as primeiras ações a serem encampadas pela Coordenação, embora continuem sendo de responsabilidade técnica das unidades nas quais estão localizadas.

Mas existem outras atividades que ainda não estão contempladas de forma efetiva na Universidade e que fazem parte do plano da CGA. Entre elas: a coleta de resíduos sólidos de serviços de saúde; a criação de unidades de compostagem para resíduos orgânicos; a coleta seletiva de resíduos sólidos; educação ambiental; edificações sustentáveis e uso racional da água e de energia.

Atendendo a um decreto federal de 2006, a UFRGS está instituindo locais de acúmulo de resíduos nos quatro *campi*, e já fez contatos com três associações que, futuramente, poderiam receber o montante de resíduos gerados nas unidades: a Associação Wenceslau Fontana; os Profetas da Ecologia e a Associação dos Trabalhadores da Unidade de Triagem do Hospital São Pedro.

Mudar rotina é complicado

Quanto maior a formação, maior a resistência, constata o coordenador do Grupo Interdisciplinar de Gestão Ambiental da UFRGS (Giga), Luis Felipe do Nascimento, ao avaliar a disponibilidade de adesão de professores, funcionários e estudantes da Universidade às propostas de gerenciamento ambiental. Segundo ele, professores e médicos custam mais a se adaptar a simples comportamentos, como colocar o lixo orgânico em um cesto e o reciclável em outro.

O professor da Escola de Administração, conta que o embrião do Giga foi quando João Freire, representante da Copesul, propôs à UFRGS, em reunião oficial, um programa de interação ambiental entre a Companhia e a Universidade. Um dos requisitos principais seria congregar as ações já existentes nas diferentes unidades. Nascimento salienta que, independente do caráter oficial que o Giga assumiu na divulgação das idéias de preservação ambiental, ele não veio se opor às demais ações existentes na comunidade acadêmica.

A continuidade da negociações com a Copesul ocorreu em um novo encontro na UFRGS, quando os professores apresentaram seu projeto à Companhia. A principal atividade seria a realização de pesquisas de resíduos sólidos urbanos com vistas a propor alternativas de reciclagem à prefeitura de Porto Alegre. Além dos recursos para o desenvolvimento destes estudos, a companhia ofereceu bolsas de pesquisa: três de mestrado e duas de doutorado. As primeiras ficaram com os cursos de Engenharia e Química e as demais com a Escola de Administração.

O primeiro coordenador do Giga foi o professor aposentado do Instituto de Química Marco Aurélio de Araújo. Através de seu esforço tornou-se possível reunir professores de diferentes áreas para a formação do Grupo, desenvolvendo pesquisas em torno do tema gestão ambiental de resíduos sólidos

urbanos e realizando ações no mesmo sentido. Nascimento destaca o trabalho de assessoria às prefeituras de Porto Alegre e Viamão: “Queríamos um modelo de gestão a ser aplicado em outras cidades.”

Num segundo momento, o Giga voltou-se mais para questões referentes à Universidade até que, na última eleição para reitor, apresentou aos candidatos questionário sobre gestão ambiental. Caso eleitos, eles deveriam assumir o compromisso da criação de um órgão específico para tratar do tema em nível institucional. Nascimento lembra que já no primeiro mês após ter sido eleito, o reitor Hennemann convidou o Giga para discutir a proposta de gestão ambiental da UFRGS. Desde aquele momento, o professor Darci Campani foi designado para coordenar o novo setor.

Mas o foco principal do Giga é a oferta e intercâmbio de disciplinas: “Um dos aspectos positivos foi a criação de uma rede de professores, desenvolvendo projetos conjuntos e participando de bancas de diferentes cursos”. Nascimento comenta que é variada a procedência dos cursos de seus alunos da disciplina *Gestão ambiental e competitividade*, oferecida na Escola de Administração. Para futuras turmas, ele pretende abrir vagas também para pessoas da comunidade que trabalhem com questões ambientais ou tenham interesse pelo assunto.

Pelo quarto ano, o Giga participa do *Universidade frente os desafios da sustentabilidade*, conferência que busca contribuir para a construção deste debate e inserir as Instituições de Ensino Superior do estado na campanha da UNESCO, denominada *Década da Educação para a Sustentabilidade*, a ser desenvolvida globalmente até 2014. O próximo encontro será no dia cinco de setembro deste ano, na PUCRS. “Queremos saber que tipo de profissionais estamos formando”, alega o professor da Escola de Administração.

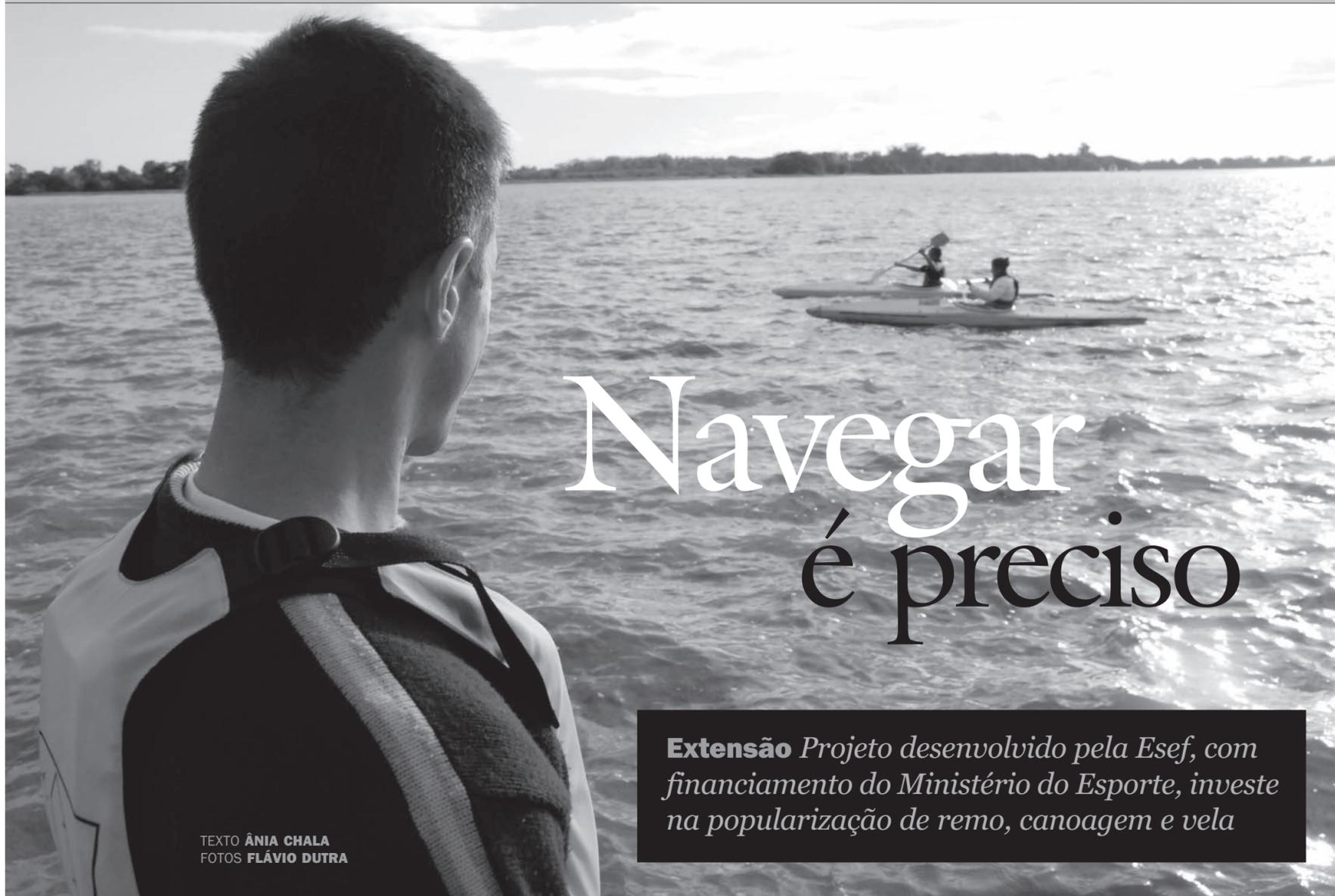
Produtos recicláveis

Plásticos: garrafas, copos, embalagens Pet de refrigerante, sacos/sacolas, canos e tubos PVC.
Metais: arames, canos, pregos, latas, enlatados, painéis sem cabo, cobre.
Papéis: jornal, papel de fax, fotocópias, caixas em geral, listas telefônicas, formulários de computador.
Vidros: garrafas, frascos de remédios, pára-brisas, potes de conservas, cacos dos produtos citados.

Produtos não recicláveis

Plásticos: cabos de panela, tomadas, isopor, adesivos, espuma, teclados de computador, acrílicos.
Metais: cliques, grampos, esponjas de aço, latas de tintas, latas de combustível e pilhas.
Papéis: adesivos, etiquetas, fita-crepe, papel carbono, fotografias, papel-toalha, papel higiênico, papéis e guardanapos engordurados, papéis metalizados, parafinados ou plastificados;
Vidros: espelhos, cristal, ampolas de medicamentos, cerâmicas e louças, lâmpadas, vidros temperados planos.

Decreto federal de 25 de outubro de 2006 determina que todos os órgãos e entidades da administração pública federal (direta ou indireta) devem realizar separação dos resíduos sólidos descartáveis e doá-los a associações de catadores. A UFRGS está trabalhando neste sentido, instituindo locais de acúmulo de resíduos nos quatro *campi*.



Navegar é preciso

Extensão Projeto desenvolvido pela Esef, com financiamento do Ministério do Esporte, investe na popularização de remo, canoagem e vela

TEXTO **ÂNIA CHALA**
FOTOS **FLÁVIO DUTRA**

Há três anos, a Escola de Educação Física da UFRGS (Esef) desenvolve o projeto de extensão Navegar, uma iniciativa patrocinada pelo Ministério do Esporte que oportuniza a prática de esportes náuticos como ação complementar à escola, para jovens entre 12 e 15 anos residentes em comunidades ribeirinhas, lacustres e costeiras. O projeto foi implantado no Brasil em 1999 pela Secretaria Nacional dos Esportes, do Ministério do Esporte e Turismo. Desenvolvido no âmbito do Programa Esporte na Escola está consolidado em 37 núcleos de 18 estados como Bahia, Distrito Federal, Goiás, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul.

Desde 2006, as atividades do Navegar são realizadas na sede náutica do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, situado junto ao Guaíba. O local foi cedido à UFRGS graças a um convênio firmado com o clube, onde também estão ocorrendo as aulas de remo do curso de graduação em Educação Física.

Conforme o coordenador-geral, professor Ricardo Petersen, o projeto extensionista depende do repasse de verbas federais, demandando investimentos em equipamento, despesas com o transporte dos participantes das escolas até o local das atividades e cuidados com a segurança. “O Navegar tem o propósito de popularizar os esportes náuticos no país (vela, remo e canoagem). Ele está intimamente ligado à rede escolar: o jovem precisa estar matriculado e freqüentando a escola para poder participar das atividades que são realizadas no turno inverso ao das aulas, sendo que as escolas geralmente indicam alunos com bom rendimento escolar.” Petersen, que também é diretor da Esef, esclarece que o Navegar ainda desenvolve um trabalho na área da educação ambiental, chamando a atenção para importância da preservação da água e da vegetação.

O projeto oferece atividades teóricas e práticas e conta com três professores, cada um coordenando um esporte: Saul Nei Barbosa, responsável pelas aulas de remo; Roberto Schultz, que ministra as aulas de canoagem; e

Rodrigo Cavazzini, aluno do curso de mestrado, que responde pelas aulas de vela. Além disso, dispõe de 14 bolsistas de graduação. De segunda a quinta-feira, o Navegar atende 160 jovens oriundos de 10 escolas públicas: cinco localizadas no arquipélago formado pelas ilhas do parque Delta do Jacuí e cinco escolas do bairro Navegantes. No turno da manhã, os participantes chegam à sede náutica às 8h30min e retornam às 11h30min, sendo que a maioria almoça na própria escola. À tarde, as aulas são desenvolvidas das 14h30min às 17h30min.

A relação de equipamentos doados pelo Ministério do Esporte inclui 10 barcos à vela, 10 de remo e 10 de canoagem, além de dois barcos infláveis com motor de popa de 15 cavalos. Completam o pacote os coletes salva-vidas de uso obrigatório. Ricardo Petersen explica que o Navegar também recebe verba para compra de combustível e para pagamento do ônibus que percorre semanalmente as ilhas e o bairro Navegantes. “Temos ainda uma parceria com o Banco de Alimentos do Rio Grande do Sul, que nos proporciona o lanche, oferecido diariamente aos jovens participantes.”

Apesar do projeto não contar com um sistema de avaliação que ateste os resultados do trabalho junto às escolas, depoimentos de diretores atestam que os jovens participantes estão mais atentos e não faltam às aulas. “Prendemos desenvolver um instrumento sistematizado de avaliação, porque queremos não só fazer o projeto, mas pensar sobre a maneira como ele está sendo feito. Hoje, o que temos são informações sobre jovens que passaram pelo Navegar e continuam treinando em clubes”, informa o professor.

Saiba mais sobre o projeto Navegar

Telefone 3308-5808
E-mail petersen@esef.ufrgs.br
Comunidade no Orkut
www.orkut.com/Community.aspx?cmm=31491091

Culto às celebridades pode ser positivo

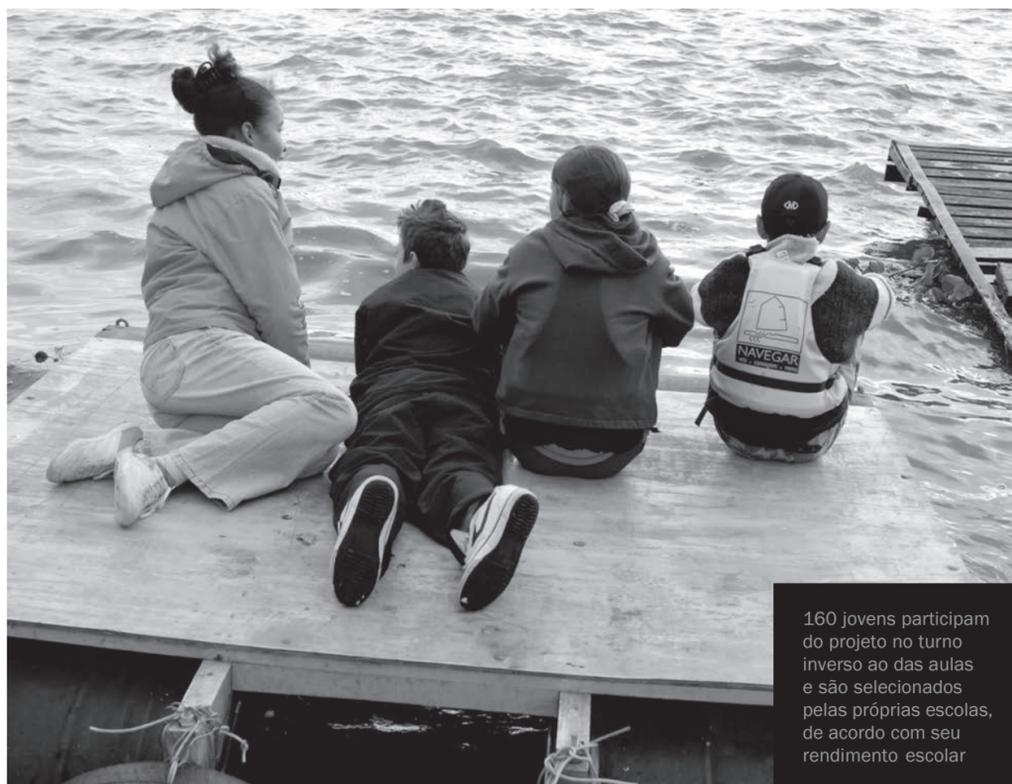
Embora o projeto não tenha este objetivo imediato, Ricardo Petersen acredita que o Navegar possa ser o primeiro passo para a formação de atletas de alto nível na área dos esportes náuticos, até porque, entre os atletas brasileiros que vão participar dos Jogos Pan-americanos no próximo mês existem jovens que começaram sua carreira no Navegar.

O professor diz que o culto às celebridades, uma das características mais criticadas da sociedade brasileira, pode trazer resultados positivos quando se trata de difundir a prática de esportes. “Acho que pode ser bom para o esporte, para a arte e para a cultura. Exemplos como o de Daiane dos Santos servem de espelho para esses jovens. Às vezes, eles vêem o campeão tão longe, que não imaginam que também podem chegar lá. Quando há

oportunidade, passam a acreditar nessa possibilidade.” Ele ressalta, no entanto, que o mais importante é a formação do cidadão responsável e comprometido com a sociedade, e que o esporte é um meio interessante de desenvolver essas qualidades. “O esporte não precisa ser um fim na vida desses jovens, mas pode ser um meio. Se eles conquistarem medalhas ótimo, porém o mais importante é a oportunidade de trabalhar a formação do cidadão integrado em seu meio.”

Essa opinião é compartilhada por Saul Nei Barbosa, coordenador da área de remo: “Sabemos que os índices de evasão escolar na rede pública são muito grandes, especialmente nas camadas populares. Através de suas ações, o projeto de esportes náutico, procura reforçar o compromisso com o estudo ao desenvolver a atenção, a disciplina e o companheirismo”.

Perguntado sobre os reflexos da realização dos Jogos Pan-americanos em termos de políticas públicas para os esportes, Petersen disse achar que os jogos são uma oportunidade de reunir nossos melhores atletas numa competição com grande cobertura de mídia, mas que o Brasil precisa de uma política governamental. “Hoje em dia, os clubes estão falidos e muitos já não oferecem esportes. Por isso, não vemos outra possibilidade senão nas escolas ou em projetos desse tipo, que atingem milhares de crianças em todo país. Eles têm que ter continuidade e se tornar parte de uma política. Só assim começaremos a desenvolver o gosto pelo esporte. Isso é muito mais importante do que a realização do Pan, apesar da visibilidade que ele traz para o país.”



160 jovens participam do projeto no turno inverso ao das aulas e são selecionados pelas próprias escolas, de acordo com seu rendimento escolar

Reencontro com a natureza

Saul Nei Barbosa tem 30 anos de experiência na área dos esportes náuticos: foi aluno da Esef e monitor da disciplina de remo e hoje atua como professor contratado do projeto Navegar. Para ele, os esportes náuticos oferecem uma nova forma de contato com a natureza. “As crianças e jovens urbanos quase não percebem as forças vivas da natureza como o vento, que é capaz de impulsionar um barco. Nos três anos em que venho trabalhando junto ao projeto, pude perceber que muitos dos participantes não sabiam o que são os pontos cardeais. Afinal, o que interessava para quem passa a vida em meio ao asfalto? No entanto, aqui no Guaíba eles precisam desse conhecimento, e aprendem como utilizá-lo.”

O professor conta que já ensinou quase duas mil crianças e jovens. Muitos, na hora de entrar no lago, ‘amarelam’ por falta de experiência na água.

“Hoje, não há mais piscinas públicas. Então as crianças não sabem nadar, o que aumentou o número de afogamentos por falta de aprendizado. Esses jovens jamais teriam a possibilidade de experimentar um barco à vela, por exemplo, pois é um esporte caro e que requer determinadas condições que as escolas dos bairros que atendemos não têm como alcançar”, lembra.

Roberto Schultz, coordenador da área de canoagem do projeto, conta que em alguns lugares do Brasil o Navegar é totalmente desvinculado das universidades, funcionando junto a prefeituras ou clubes. “Aqui, temos um elo acadêmico que nos permite fazer duas coisas ao mesmo tempo: manter uma espécie de laboratório para os alunos da Escola e realizar esse trabalho de cunho social-desportivo com os adolescentes.”



Nos esportes náuticos a manutenção, o cuidado e a limpeza dos equipamentos são fundamentais para a segurança dos praticantes

Navega Tchê vai promover capacitação profissional

O projeto Navegar conquistou de tal forma o grupo da Esef que já gerou uma expansão: o Navega Tchê, que oferece um módulo mais avançado de prática, voltado para o treinamento daqueles que quiserem seguir praticando e demonstrarem aptidão para os esportes náuticos. “Estamos em busca de barcos mais competitivos para atender a esses jovens e, inclusive, encaminhamos um projeto ao Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente para obter apoio da lei municipal que nos permitirá captar recursos na iniciativa privada”, informa o professor Ricardo Petersen.

Segundo ele, o projeto tem um custo estimado de 600 mil reais por um período de dois anos e, até agora, a Esef

conseguiu captar 130 mil reais junto à Copesul, valor que será repassado para o projeto no segundo semestre deste ano. “Com esses recursos, faremos também um trabalho de capacitação profissional, criando uma marcenaria náutica na qual turmas de até 15 jovens irão aprender a trabalhar com fibra de vidro na reforma de barcos. Futuramente, pretendemos expandir o projeto para que eles aprendam, por exemplo, a fabricar pranchas de surf.”

Outra iniciativa do Navega Tchê será o desenvolvimento de ações de educação para a saúde, nas quais deverão colaborar os cursos de Psicologia, Odontologia e Nutrição da Universidade.



Navega Tchê está em fase de captação de recursos para a aquisição de barcos mais competitivos e a instalação de uma marcenaria náutica

Como funcionam as aulas

Nos primeiros dois meses de atividade, é aplicada uma estratégia de trabalho para ambientação dos participantes na qual eles são levados a conhecer o lago Guaíba e descobrir todo o universo que envolve água, vento, flutuação e equilíbrio. Depois disso, os jovens escolhem qual o seu esporte preferido: remo, vela ou canoagem. Em breve, haverá também a opção de integrar um núcleo de mão-de-obra em marcenaria náutica, que vai funcionar através do projeto Navega Tchê.

O professor Saul Nei Barbosa destaca que o cuidado com a segurança é total: o projeto dispõe de três lanchas, não só para acompanhar as aulas como para prestar eventual socorro. Todos dispõem de coletes apropriados para a prática

desses esportes e sabem usá-los adequadamente. Além disso, as rotas de navegação são demarcadas para evitar quaisquer acidentes.

Ele conta que os coordenadores do projeto estão em busca de formas de avaliar qual o impacto do trabalho no rendimento escolar, para averiguar se a prática de esportes náuticos tem reflexos no desempenho escolar e também na personalidade dos jovens. “Precisamos saber se os participantes irão agregar alguns valores que são indispensáveis à prática dos esportes náuticos. Por exemplo, um acidente no basquete é normal, uma batida, um tombo. No esporte náutico isso não é normal e não pode acontecer. Remo, vela e canoagem exigem disciplina, atenção, companheirismo.” Saul explica que a sen-

sibilidade que o meio aquático desperta faz com que os praticantes resgatem valores que passam despercebidos no cotidiano. “Muitas coisas em outros esportes são descartáveis, mas no esporte náutico não é assim: a manutenção do seu barco, a limpeza e o cuidado com os equipamentos em geral são fundamentais para que a pessoa possa desenvolver a atividade com segurança.”

Enquanto a vida em sociedade incentiva o individualismo acentuado, na prática dos esportes náuticos ocorre o contrário: o praticante precisa desenvolver o companheirismo, a confiança, o diálogo. “Acredito que isso possa ter um efeito decisivo na relação do jovem com a escola, com a família e com ele mesmo”, conclui o professor.

Promovendo a organização e a solidariedade

Alguns dos estudantes de graduação da Esef, que atuam no projeto Navegar, descrevem como a experiência ampliou sua formação profissional e analisam a importância de iniciativas como esta para a divulgação dos esportes náuticos em nosso país.

DANIEL FAGANELLO DE SOUZA (4º SEMESTRE)
 “O projeto é a oportunidade de colocarmos em prática o que aprendemos na Universidade. É um público às vezes difícil de trabalhar, mas, com o tempo, aprendemos a lidar e falar a ‘língua’ desses adolescentes. Embora a formação de atletas e a ampliação da participação brasileira em competições náuticas sejam altamente desejáveis, acho que o Navegar representa a oportunidade de dar a estas crianças um conhecimento que pode levar ao mercado de trabalho, pois ex-alunos do projeto trabalham conosco como monitores. Outros, já estão trabalhando em clubes. Portanto, existem muitas possibilidades além da formação de atletas. Estamos ingressando no terceiro mês de funcionamento com essas turmas, mas já deu para perceber algumas mudanças: eles estão mais organizados, prestativos e solidários uns com os outros. Alguns se oferecem constantemente para ajudar na organização e manutenção dos equipamentos e materiais.”

FÁBIO DE OLIVEIRA PETKOWICZ (8º SEMESTRE)
 “Ingressei na Esef com o sonho de trabalhar com remo, pois havia sido atleta, mas sabia que as possibilidades eram restritas. O Navegar

proporcionou a maior parte da minha experiência com o esporte, projetando meu trabalho para que, posteriormente, pudesse estagiar em grandes clubes esportivos como o Grêmio Náutico União e o Clube dos Jangadeiros. Isso me abriu mais portas dentro do mercado. Acho que o principal resultado da iniciativa é a popularização dos três esportes entre jovens estudantes de escolas públicas. Já é significativo o número dos que conheceram os esportes por intermédio do projeto e, mais tarde, tornaram-se atletas.”

RAQUEL CHALA (8º SEMESTRE)
 “Estar no projeto é uma oportunidade de acrescentar à minha formação uma experiência que poucos alunos da Educação Física têm, pois a maioria dos estágios ocorre em

academias e escolas. Entre os participantes, poderão surgir atletas que ampliem a presença do Brasil em competições internacionais. Entretanto, o objetivo maior é a educação pelo esporte e a divulgação dessas modalidades entre a população de nossa cidade. Estamos concluindo a fase de ambientação, na qual, a cada dia, os alunos praticam uma modalidade diferente. Espera-se que, com a definição de turmas fixas e o trabalho específico em cada esporte, possamos conhecer melhor cada aluno e trabalhar as dificuldades que surgirem.”



Jovens desenvolvem o companheirismo, característica decisiva nas relações com a escola e família



Caroline da Silva

Jornal da Universidade – Que avaliação se pode fazer das eleições presidenciais de 2007?

Carlos Arturi – O voto não é obrigatório na França, e a participação neste último pleito foi de quase 90%. Normalmente, em eleições presidenciais, fica entre 50 e 60%. Foi um pleito que mobilizou os eleitores das extremas esquerda e direita, todas as forças políticas participaram. Os principais candidatos representaram uma renovação política. Mesmo sendo do partido de Chirac, originário do *gaullismo*, Nicolas Sarkozy (União por um Movimento Popular - UMP) apresentou propostas que destoavam da direita tradicional. Ele defende pontos mais liberais na área econômica do que a direita clássica, sobretudo a *gaullista*, que é uma direita favorável, como a esquerda, à intervenção do Estado. Na França, há certa cultura política de discrição no que se refere à riqueza; a burguesia é discreta desde a Revolução. Sarkozy não, muito antes de ser candidato à presidência, não se preocupava em esconder seu modo de vida abastado e sua amizade com os principais empresários do país. Como declarou a imprensa francesa: “descomplexado”. Sarkozy representa uma americanização da vida francesa; social, cultural e agora política. Ségolène Royal também incorporou uma renovação política dentro do Partido Socialista, venceu os “elefantes do PS”, que já foram ministros, concorreram à presidência, como Lionel Jospin. Ségolène correu por fora e conseguiu estimular o eleitorado tradicional socialista e a maioria dos quadros do partido para o apoio à sua candidatura. No primeiro turno, o eleitorado não adere em massa a Sarkozy, se distribui. No segundo turno, sim. Sarkozy ganha por vários motivos. De fato, ele fez a melhor campanha. Quando o voto não é obrigatório, a máquina do partido conta muito, vence quem mobiliza mais. Há, assim, que se relativizar a capacidade de previsão das pesquisas de opinião pública neste contexto.

JU – Relativizar em que sentido?

CA – O problema é que o entrevistado pode declarar apoio a um candidato na entrevista e depois não ir votar. Não nos esqueçamos que o Le Pen, há cinco anos, surpreendentemente foi para o segundo turno com o Chirac, batendo o Jospin, que ficou em terceiro lugar em 2002.

JU – A grande participação do eleitorado neste ano não foi em função do ocorrido no último pleito, de um segundo turno inesperado?

CA – Creio que sim. Lembro que uma amiga francesa disse: “Não fui votar no Jospin no primeiro turno, agora vou ter que correr para votar no Chirac no segundo. Jamais imaginei que isto pudesse acontecer”. Outro motivo é que Sarkozy movimentou a direita francesa, mesmo tendo concorrido dentro da UMP, o primeiro-ministro Dominique de Villepin. Ele avançou também no eleitorado da extrema direita.

JU – O que se espera da esquerda, quais os rumos?

CA – O partido Comunista que era forte há quinze anos, fazia quase 10% dos votos, neste ano obteve cerca de 2%; é uma queda contínua. A esquerda ficará reduzida à oposição na Assembleia Francesa e terá que se preparar para a próxima campanha presidencial de 2012, com Ségolène ou outro candidato. Essa tendência de uma certa “direitização” do eleitorado francês vem há 12 anos, desde a primeira eleição do Chirac em 1995, e em 2002 se confirmou.

JU – Essa “direitização” na França seria decorrente do quê?

CA – Em parte pelos erros da es-



Conservador inovador

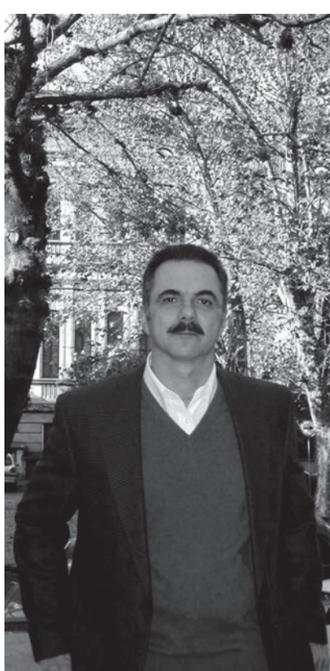
O mundo assistiu, em maio, uma eleição como jamais vista na França, um dos países mais desenvolvidos do planeta. Cerca de 90% dos eleitores foi às urnas, mesmo sem a obrigatoriedade do voto. Nesse cenário, dois discursos se destacaram. De um lado, a figura de uma mulher, Ségolène Royal, do Partido Socialista (PS). Do outro, Nicolas Sarkozy, da União por um Movimento Popular (UMP), que saiu vencedor com 53,06% dos votos. Para analisar o que representa a vitória do conservador Nicolas Sarkozy para o mundo e para o Brasil, o Jornal da Universidade conversou com o Chefe do Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Carlos Schmidt Arturi, também professor de Relações Internacionais. Arturi viveu entre 1989 e 1994 na França. Neste período, fez doutorado em Ciência Política no Institut d'Etudes Politiques de Paris. Hoje, é pesquisador associado do Núcleo de Estudos de Estratégia e Relações Internacionais (Nerint) do Instituto Latino-americano de Estudos Avançados (Ilea).

querda, sobretudo quando esteve pela última vez no poder, com Jospin como premier de Chirac. Penso que o PS não soube passar uma política de renovação na França, percebe-se isso pelas pesquisas de opinião pública. É uma esquerda que, no poder, abandonou muito suas bandeiras de luta.

JU – Por que a esquerda abandona suas bandeiras, assim como Ségolène faz na campanha?

CA – A margem de manobra na formulação de política econômica pelos governos no capitalismo globalizado e crescentemente integrado através de blocos econômicos é cada vez mais reduzida. Isto ocorre mesmo nos países centrais e a França é um deles. Como é que vão prometer grandes reformas de distribuição de renda se não há margem para isso? Se a política monetária, cambial e comercial tem que ser harmonizada entre quase trinta países, no caso da União Européia? Esse é um problema de toda esquerda hoje no mundo, pelo menos de uma esquerda moderada. Chegando ao poder, sua margem de atuação é muito estreita em termos de política-econômica. Então sobram as questões sociais: o desemprego, a segurança, a questão da imigração e do terrorismo, que na França é forte. E esses temas favorecem a direita. Sarkozy responde: “Desemprego? Desregulamentação das leis trabalhistas”. Para o presidente eleito, mais liberalismo econômico equivale a mais emprego.

Eleições francesas
Cientista político avalia a vitória de mais um presidente de direita



“Sarkozy representa uma americanização da vida francesa; social, cultural e agora política”

CARLOS SCHMIDT ARTURI

JU – E com relação aos imigrantes, qual deve ser a postura do novo presidente?

CA – Sarkozy fala de um projeto

de imigração seletiva, que só vai permitir a entrada de imigrantes se trouxerem algum benefício ao país e não concorrerem diretamente com os franceses. Esse é um discurso cada vez mais radicalizado que atinge o eleitorado do centro até a extrema direita. Conforme o presidente, os imigrantes devem assimilar a cultura francesa ou partirem; uma visão simplista, no meu entender.

JU – A imprensa tem chamado Sarkozy de hiper-presidente, o que isso quer dizer?

CA – Ele tem um estilo muito dinâmico que alguns já associaram ao de Collor, mas deve-se ter cuidado: Sarkozy é diferente, muito mais consistente. O presidente francês é um político tradicional, que vem do núcleo central do cenário político da França. Collor foi um candidato de “salvação” contra Lula, mas não era o candidato preferido dos meios mais conservadores. Sarkozy vem de um partido de direita, foi ministro de governo. Apesar de toda uma carreira que Fernando Collor não tinha, algumas coisas lembram, como a hiper-atividade e o uso de marketing pessoal. Outro ponto interessante é quanto à cultura nacional deles. A vida privada dos políticos não era sujeita ao escrutínio público, o que vem mudando com Sarkozy. A imprensa não falava da vida pessoal, o Mitterrand, por exemplo, tinha duas famílias.

JU – Havia certo distanciamento

entre a vida pessoal e pública do político? A mídia não explorava esse aspecto?

CA – A imprensa não tocava nisso e Mitterrand não se expunha. Idem para Chirac. Já Sarkozy não, ele expõe seus problemas familiares. Houve uma separação em 2005, sua esposa rompeu o casamento, foi viver com outro e depois voltou. Neste ano, mais crises: ela se retirou da campanha e no segundo turno não foi votar. Essa nova “espetacularização” da política não deixa de ser uma característica de americanização também, do político como celebridade.

JU – Foi com o Collor que se começou a falar em marketing na política brasileira. Na França, essa presença também se detecta agora?

CA – Evidente, o marketing político foi forte com Sarkozy. Mas, também, de uma maneira diferente, não tão profissional, apareceu com Ségolène. A candidata socialista não teve uma equipe técnica grande como a de Sarkozy – que trouxe inclusive marqueteiro dos EUA.

JU – Qual é a recepção de Sarkozy na União Européia?

CA – Para a Comunidade Européia, não vejo grande impacto, porque a França, em 2005, já tinha rejeitado em plebiscito a Constituição Européia. Sarkozy não apoiou a Constituição como Chirac, mas não fez discurso contra. Atualmente, está propondo uma Constituição mais enxuta, um mini-tratado, que tem mais chance de passar pela opinião pública.

JU – Ségolène pregou em campanha uma discussão mais detalhada da Constituição Européia.

CA – Certo, mas com ambigüidade, não havia uma defesa clara pela Constituição. Já Sarkozy é menos dubio, não aposta muito na União Européia, mas também não a descarta.

JU – Então não se prevê uma grande mudança quanto à política externa nesse governo?

CA – Não mudará muito em relação à que vinha sendo desenvolvida por Chirac. Penso que terá essa iniciativa de propor um tratado europeu menos ambicioso, mais factível de ser aprovado pelos franceses, que sempre foram reticentes quanto à Comunidade Européia. A política externa de Sarkozy deve ser um pouco mais pró-americana, não muito.

JU – Houve um encontro bilateral de Lula com o presidente francês durante o G-8. Esse encontro teve algum objetivo específico ou foi meramente formal?

CA – Lula teve a oportunidade de ter conversa diplomática com o novo presidente da França. O Brasil quer uma liberalização maior no comércio agrícola, menos subsídios, tarifas e barreiras. A França se opõe a isso, porque ela subsidia fortemente, e com os recursos da União Européia, digase de passagem, a sua própria agricultura. Os franceses, em relação à política externa estão muito ocupados, por exemplo, com a União Européia, a guerra, a Rússia, com o terrorismo e a imigração.

JU – O povo francês adotou o modelo da renovação, mas, no entanto, é um país muito resistente às mudanças. Isso representará um estranhamento?

CA – O presidente eleito representa uma mudança, uma renovação política; ele teve um discurso inovador. Provavelmente não será tão reformador como disse que seria ou quanto gostaria de ser, por essa resistência do eleitorado francês. Creio que tentará dinamizar a economia francesa, por ser jovem, quer ser reeleito. Não será uma mudança da noite para o dia. Sarkozy obteve 53% dos votos no segundo turno, é uma vitória incontestável.



Gripe espanhola como causadora de infarto

Medicina Artigo de professora da UFRGS para revista internacional sustenta que pandemia de 1918 foi responsável pelo aumento dos óbitos por doenças cardíacas nos anos 60

Ânia Chala

Para Maria Inês Reinelt Azambuja, professora da Faculdade de Medicina da UFRGS, há uma relação direta entre a ocorrência da pandemia de influenza em 1918 e o alto índice de infartos do miocárdio registrado nos Estados Unidos nas décadas de 60 e 70.

Em artigo publicado na edição de abril da revista *Perspectives in Biology and Medicine* da universidade norte-americana Johns Hopkins, em colaboração com o professor de epidemiologia populacional da universidade de Harvard, Richard Levins, a médica afirma que aquelas mortes não ocorreram por doença isquêmica. A causa real teria sido a infecção pelo vírus da influenza, que gerou uma resposta imunopatológica e resultou em trombose coronária, seguida por morte súbita. “Em outras palavras, aquelas mortes deveriam estar no cômputo geral da gripe espanhola, mas foram creditadas a outras causas por suas manifestações clínicas.”

A professora, que atua junto ao Departamento de Medicina Social, dedica-se ao estudo dos problemas do coração desde 1982, quando trabalhou na Secretaria Estadual da Saúde na prevenção das doenças cardiovasculares. Com mestrado em epidemiologia nos EUA, ela atualmente presta atendimento no Ambulatório de Doenças do Trabalho situado no posto de saúde do bairro IAPI.

“O modo como enxergamos um determinado problema depende muito do momento histórico que estamos vivendo. Quando me formei, em 1976, tive a sorte de acompanhar o período em que a mortalidade por doença isquêmica do coração, que tinha sido muito elevada durante os últimos 30 anos, começava a diminuir”, diz a professora. Por conta disso, Maria Inês acha que pôde levantar questões que a maioria de seus colegas, que desenvolveram seus estudos durante uma fase de aumento desse índice, não teve condições de fazer. “Naturalmente, os médicos daquela época associaram a alta taxa de mortalidade por problemas do coração a fatores como estilo de vida, desenvolvimento da economia e todas as mudanças que acompanharam o aumento da urbanização nos países desenvolvidos. O que fiz foi olhar para esse fenômeno como um evento, comparando-o a uma epidemia, na tentativa de entender não o que provocou a doença em si, mas o que causou essa curva epidêmica.”

Curva decrescente – Na década de 70, quando o número de mortes baixou abruptamente, a epidemiologista passou a perguntar-se o que teria causado tal mudança, uma vez que não houve uma desaceleração dos fatores tidos como causadores do problema. “No primeiro mundo, tentou-se explicar essa queda pela redução dos fatores de risco, como se as pessoas estivessem sendo mais bem tratadas de problemas como pressão alta, consumissem menos gordura, ou recebessem melhor atendimento médico. Porém, minha experiência como especialista em saúde pública

me dizia que as intervenções médicas têm pouco impacto sobre o conjunto da população. Mesmo medidas mais amplas, como uma mudança da dieta alimentar não produzem impactos assim tão marcantes a ponto de serem percebidos em termos populacionais.”

Dados da Organização Mundial da Saúde revelam que, em 30 anos, houve uma queda de 60% na mortalidade por doença isquêmica do coração nos Estados Unidos. Atualmente, apesar de a população norte-americana ter envelhecido muito, esse índice segue baixo. E, no Brasil, conforme o Ministério da Saúde, o número de óbitos também está caindo.

A médica explica que, no início de suas pesquisas buscou as causas para o aumento do índice de mortes por problemas cardíacos no ambiente externo, mas terminou concluindo que era preciso considerar a vulnerabilidade da própria população. “Testei várias hipóteses: a qualidade da população poderia ter sido alterada em função da Primeira Guerra Mundial, que ocasionou a morte dos indivíduos mais saudáveis e a sobrevivência dos não tão fortes. A possibilidade de uma infecção estar relacionada às mortes por doença isquêmica do coração não passava pela minha cabeça. Um dia, deparei-me com um artigo antigo que levantava a possibilidade de infecção na arteriosclerose e percebi que uma infecção poderia ser a causa daqueles índices elevados dos anos 60. Por isso, digo que nossa capacidade de pensar é totalmente determinada pelo momento que estamos vivendo. As coisas podem estar diante de nosso nariz, mas não conseguimos enxergá-las. O paradigma degenerativo era tão forte que ninguém, naquela época, imaginaria pensar em infecção.”

Ao estudar que evento poderia ter sido tão grande a ponto de causar tamanho impacto na mortalidade cardiovascular, a epidemiologista deparou-se com a pandemia de 1918, causada pelo vírus da influenza e popularmente conhecida como gripe espanhola. Na comparação entre as informações daquele período e os dados referentes às mortes nos anos 60, algumas coisas ficaram claras: os sobreviventes do vírus da influenza, que ti-

nam entre 20 e 40 anos em 1918, morreram predominantemente nas décadas de 1950 e 1960 de doença isquêmica do coração.

No artigo que publicou, a médica sustenta que, de alguma maneira, o grupo populacional que sobreviveu à primeira pandemia de influenza em 1918 ficou vulnerável e veio a falecer durante outras epidemias de influenza. “Nas epidemias que se seguiram à pandemia de 1918, houve muitas mortes por doença isquêmica do coração”, conclui.

Pandemia deixou vestígios – Segundo Maria Inês, a idéia de que uma infecção possa desencadear uma doença cardiovascular crônica não é absolutamente original. “Como qualquer cardiologista sabe, os casos de cardiopatia reumática, por exemplo, são reconhecidamente causados por infecções recorrentes por estreptococo. A idéia em si não é algo tão inovador, só que o paradigma de que os problemas cardíacos estavam relacionados à degeneração, ao estilo de vida, ao colesterol elevado ou à pressão alta era muito forte.”

No entanto, as pessoas ainda podem perguntar: se foi um efeito de uma infecção do início do século passado por que os índices caíram e o problema persiste? Para a professora, provavelmente sob o rótulo de doença isquêmica há mais de uma condição, e os casos que vemos hoje em dia estão relacionados a fatores como o diabetes e a obesidade. “Minha tese é de que existe uma mistura de casos no conjunto dos óbitos ocorridos na década de 60 e que essa mistura variou ao longo do tempo. De tal forma que, na metade do século passado, predominaram os casos que chamei de auto-ímmunes e que, depois, a predominância provavelmente foi de casos associados ao diabetes e outros fatores.”

A epidemiologista ressalta que o vírus da influenza tem uma característica muito interessante: em geral, o indivíduo desenvolve anticorpos contra o primeiro vírus com o qual tem contato. Nas infecções subsequentes, mesmo que sejam por outros vírus, ele sempre vai desenvolver um pouco de anticorpos com relação ao primeiro vírus. “Isso é chamado de pecado original imunológico. No caso da dengue, por exemplo, na primeira infecção, geralmente temos uma doença benigna. Mas, quando ocorre uma reinfeção, crescem as chances da pessoa desenvolver a dengue do tipo hemorrágico. Isso acontece porque o organismo foi sensibilizado pelo primeiro vírus e, na segunda infecção, não tem uma resposta imune protetora. Ao invés disso, desenvolve uma resposta patológica que acaba atacando o próprio organismo.”

Segundo Maria Inês, a obesidade é hoje considerada uma epidemia, devido ao rápido aumento no número de casos, especialmente nos EUA. “Falta identificar as causas desse problema e porque isso está acontecendo no mundo todo ao mesmo tempo. Será que é porque as pessoas estão comendo mais alimentos industrializados?”, questiona a médica.



Infecções podem desencadear doenças cardiovasculares

Doenças do coração estão associadas a velhas crenças

Atualmente, as doenças do coração estão diretamente associadas ao consumo excessivo de gordura e a fatores como falta de exercício, diabetes e obesidade. Conforme a professora da Faculdade de Medicina da UFRGS, Maria Inês Reinelt Azambuja, esse paradigma ainda é muito forte, porque não sabemos o que colocar no lugar dele. Ela ressalta que, internacionalmente, existe uma campanha para que países como o Brasil elaborem políticas públicas para identificar precocemente os grupos de risco. Porém, os dados da realidade brasileira mostram que os casos de morte por doença cardiovascular estão caindo. “A nossa população está envelhecendo. Para um país que tinha um índice de mortalidade muito alta por doença na infância, o fato de que agora a maior taxa de mortes esteja entre a população de idosos não é uma coisa ruim. É sinal de que as pessoas sobreviveram à infância e conseguiram chegar à idade de morrer por doença isquêmica. Isso não é necessariamente um indicador negativo.”

Por outro lado, existe uma indústria em torno dos alimentos saudáveis, que regularmente lança novos produtos destinados a um mercado em expansão. Com isso, os vilões de ontem podem ser os heróis de hoje. “Lembro de uma crônica do Luis Fernando Verissimo em que ele perguntava quem iria indenizá-lo por todos os anos em que não comeu ovos. Isso porque, por muito tempo, o colesterol foi visto como o vilão na área das doenças cardíacas. Hoje, a maior parte dos casos não é por colesterol alto, pois as pessoas têm outro perfil metabólico, em que pesa

mais a obesidade. Então, agora, a culpa é dos carboidratos.”

De acordo com a epidemiologista, assim como o culpado não era o colesterol, provavelmente, também não são os carboidratos. Maria Inês acha possível que o nosso metabolismo tenha sofrido alguma mudança capaz de influenciar no aumento das taxas de obesidade. Ela explica que existem hipóteses muito interessantes com relação ao primeiro ambiente uterino. “Bebês com baixo peso teriam maior risco de desenvolver obesidade e diabetes, porque no útero, nosso primeiro ambiente, provavelmente os genes são modulados de maneira a expressar metabolicamente algumas características.”

No âmbito das políticas públicas a professora preocupa-se com a grande pressão exercida pelas indústrias de alimentos e farmacêutica. “Os programas internacionais de redirecionamento dos serviços de saúde acabam tendo um impacto muito grande sobre a assistência. E isso resulta em muita prescrição de remédios. Assim, o SUS transforma-se num caldeirão de ouro, porque o Brasil tem uma população imensa e um sistema público de saúde garantido constitucionalmente. Isso é fantástico para as indústrias que querem disputar espaço para vender seus equipamentos e medicamentos.”

Para a epidemiologista, a ênfase das políticas públicas deveria ser a promoção da saúde através da criação de espaços para a prática de exercícios físicos, com iniciativas para favorecer a implantação de quadras de esportes, o uso de bicicletas e outras ações que pudessem de fato promover uma vida saudável, reduzindo o gasto com medicamentos.



Maria Inês diz que nossa capacidade de pensar é determinada pelo momento que estamos vivendo



O difícil começo de Manuel Bandeira

Literatura

Há 90 anos, um dos maiores poetas do século XX estreava na poesia com a publicação de A Cinza das Horas

Marcelo Spalding*

Se você gosta de escrever ou de fazer música, certamente já pensou em bancar a edição de seu primeiro livro ou a gravação de seu primeiro disco. E, certamente, conhece quem o fez. Prática extremamente comum, foi a porta de entrada na literatura de diversos nomes hoje fundamentais na história brasileira, como Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho, o poeta imortal que *foi-se embora pra Pasárgada, onde é amigo do rei*.

Membro da Academia Brasileira de Letras e tido como um dos ícones do Modernismo no Brasil, Manuel Bandeira estreou na literatura em 1917, pagando 300 mil réis pela publicação de 200 exemplares de *A cinza das horas*. Eram tempos difíceis para o autor: um ano antes, perdera a mãe e ainda lutava contra a doença que o fizera interromper os estudos (em 1904) e deixar o Brasil em busca de tratamento (em 1914).

Cláudia Mentz Martins, professora do Instituto de Letras da UFRGS, lembra que a prática dos autores pagarem seus livros não era estranha, citando Monteiro Lobato, Mário de Andrade e o pai de João Cabral de Melo Neto como exemplos. “A razão para que isso acontecesse devia-se à existência de poucas editoras no país e ao fato de que os autores eleitos por elas eram aqueles já conhecidos dos leitores. Além disso, sabemos que via-de-regra as editoras têm receio de investir em autores pouco conhecidos e/ou que apresentem obras muito diferentes daquelas publicadas em sua época”, afirma a professora, pintando um cenário muito semelhante ao encontrado pelos novos escritores deste começo de século XXI.

Em *Itinerário de Pasárgada*, autobiografia de Manuel Bandeira publicada em 1957 e disponível no sistema de bibliotecas da UFRGS, o poeta conta que *A cinza das horas* não continha tudo o que ele tinha escrito até 1917 e que publicou o livro sem intenção de começar carreira literária: “desejava apenas dar-me a ilusão de não viver intensamente ocioso”.

A obra bem poderia ter se chama-



REPRODUÇÃO

do *Poematos melancólicos*, primeiro título pensado por Bandeira, pois o que permeia os 50 poemas é um fino e triste sentimento de melancolia muito associado à vida empírica do então jovem e doente poeta. Rosilene Costa, mestrandia em Literatura Brasileira da UFRGS, que estudou Manuel Bandeira em sua monografia, lembra que em *A cinza das horas* o sujeito empírico (real) ainda é muito presente, o poeta deixa transparecer o sofrimento e o medo da morte que traz consigo desde a descoberta da pneumonia. O próprio Bandeira, na autobiografia, evita comentar sobre esse período: “[tenho] dificuldades em tentar refazer meu itinerário no período que vai do ano de 1904, em que adoei, ao de 1917, quando publiquei o meu primeiro livro de versos”.

De fato já na epígrafe de *A cinza das horas* o poeta diz ser “bem nascido”, um “menino feliz”, até que “veio o mau destino / E fez de mim o que quis”. Tom sofrido e melancólico que o primeiro verso do primeiro poema aprofunda:

Eu faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto...
Fecha o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto.

Para a professora Cláudia, o livro de estreia de Bandeira é hoje importante no cenário da literatura brasileira por ser o primeiro livro do autor que se tornou um dos principais nomes das nossas letras, mas “seu aprimoramento fica evidente quando comparamos essa obra inicial com aquelas que escreve a partir de 1930, como *Libertinagem* e *Estrela da ma-*

nhã”. A mestrandia Rosilene lembra que “só depois, em ‘Pasárgada’, no poema ‘Pneumotórax’, ele iria brincar com a doença, com a qual já convive”.

Outro aspecto interessante na estreia do jovem Bandeira é que a obra não tem ainda a marca do Modernismo (a famosa Semana de Arte Moderna se dará em 1922). Em *A cinza das horas* as influências são outras: “a fatura já não era de modelo parnasiano e sim simbolista, mas de um simbolismo não muito afastado do velho lirismo português”, escreve o poeta. Cláudia diz que não podemos esquecer que Bandeira cresceu lendo poemas parnasianos e simbolistas. Portanto, era inevitável que os elementos dessas estéticas aparecessem de algum modo na sua poesia inicial.

Hoje, noventa anos passados, não podemos falar da poesia modernista, sem mencionar Bandeira, um dos poetas que, ao longo de sua produção, não deixou de realizar experimentações e de utilizar vários estilos. “Manuel Bandeira conseguiu conciliar ao espírito moderno formas e ritmos mais tradicionais, ou seja, regulares; a presença do biográfico que traz consigo melancolia e ironia. Há nele o cotidiano tratado de maneira simbólica e a familiaridade com contextos misteriosos e oníricos, características fundamentais para a plasticidade presente em sua obra”, revela Cláudia Martins.

Muitos conhecem os versos de Pasárgada, mas poucos sabem do difícil começo de seu criador, da doença, da autopublicação numa modestíssima edição. Um começo digno de poesia, um começo que merece ser relembrado e pode servir de estímulo para tantos jovens poetas deste novo milênio.

Poeta pagou o próprio bolso a edição de seu primeiro livro

A participação de Bandeira na Semana de Arte Moderna – e no Movimento como um todo – foi ambígua.

Em *Itinerários de Pasárgada*, o poeta conta que não quis ir a São Paulo para a Semana por nunca ter atacado publicamente os mestres parnasianos e simbolistas, nunca ter repudiado o soneto nem, de um modo geral, os versos metrificados e rimados. “Pouco me deve o movimento: o que eu devo a ele é enorme”, escreve.



“Não há dúvida de que a maestria que demonstra em sua produção é fruto não apenas do seu trabalho com a palavra enquanto poeta, mas também do profundo conhecimento que tem da literatura brasileira e da literatura ocidental”, afirma Cláudia Martins.

Em 1940, foi eleito para a cadeira 24 da Academia Brasileira de Letras, à época já autor de *A Cinza das Horas*, *Carnaval*, *O Ritmo Dissoluto*, *Libertinagem*, *Estrela da Manhã*, entre outros.

Em 13 de outubro de 1968, aos 82 anos de idade, foi-se embora pra Pasárgada descansar na cama em que escolheu.

* Jornalista formado pela Fabico e mestrando em Literatura Brasileira

Resenhas

Por Caroline da Silva

A História sensível

Edição bilingüe, com artigos em espanhol e português, que trata da história das idéias, das representações, dos corpos, das imagens – a História Cultural. O historiador é, antes de mais nada, um leitor e um espectador de sua própria história. A subjetividade estará sempre presente nas suas preocupações e, suas razões e sentimentos, no fruto de seu trabalho. “Nesta medida, as sensibilidades não só compõem o cerne do processo de representação do mundo, como correspondem, para o historiador da cultura, àquele objeto a ser capturado no passado”, diz a historiadora Sandra Pesavento, defendendo o título da publicação. A professora da UFRGS resgata o conceito da *enargeia* de Ginzburg, como sendo o tempo passado a própria energia da vida para o pesquisador que pretende reconstruí-lo. Um tempo passado deixa rastros, marcas que sobrevivem nos materiais de arquivo, nas artes, na literatura. A experiência sensível deste tempo que passou, mas não se foi, é e será sempre indireta, o que não significa perda: “O passado encerra uma experiência singular de percepção e representação do mundo, mas os registros que ficaram, e que é preciso saber ler, nos permitem ir além da lacuna, do vazio, do silêncio”. Assim, se vai a fundo na história silenciada da Venezuela colonial, se investiga a raiz negra dos Estados Unidos, se busca a identidade da mestiça Cartagena de García-Márquez ou se opõe a história oficial aos rumores na entrevista de Arlette Farge. Esses são exemplos dos tempos que são “contados” no livro. Uma das autoras, Elisabeth Cunin, da Colômbia, traz a reflexão de Barbero sobre a polissemia do verbo *contar* e elabora um jogo de palavras que traduz de forma exemplar a síntese dessa obra: “para que a pluralidade das culturas do mundo seja levada em conta, é preciso que a diversidade das identidades possa nos ser contada”.



SENSIBILIDADES NA HISTÓRIA: MEMÓRIAS SINGULARES E IDENTIDADES SOCIAIS
Ed. UFRGS, 2007, 262 págs., R\$ 20,80*, organizado por Sandra Jatahy Pesavento e Frédérique Langue

Evolução na Engenharia

O início do ensino de Engenharia no Brasil, generalista e sem controle militar, data de 1874, com a fundação da Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Também ao final do século XIX, são criadas as escolas de Engenharia em São Paulo e Porto Alegre, todas ligadas ao movimento positivista do país. Novas tecnologias e novas necessidades foram se instaurando, e a formação dos estudantes precisou se engendrar para um contexto muito mais abrangente que o meramente técnico. A Engenharia e o seu ensino discutidos de forma integrada, por profissionais de diversas áreas e visando à educação dentro de suas múltiplas naturezas, é o eixo aglutinante dos diversos textos que compõem a obra em questão. O livro se volta para a formação do engenheiro, as metodologias de ensino e as tecnologias para aprendizagem nesse processo educacional de formação. O prefácio é assinado pelo ex-ministro Paulo Renato Souza, que condensa a iniciativa dos pesquisadores da publicação na seguinte frase: “desenvolver as habilidades e competências de aprender a aprender”. Para o organizador, Fernando Schnaid, a contribuição está em chamar a atenção para um esforço de pesquisa sistemática sobre o ensino tecnológico em nosso país, clamando por grupos de pesquisa na área.



ENSINO DE ENGENHARIA: DO POSITIVISMO À CONSTRUÇÃO DAS MUDANÇAS PARA O SÉCULO XXI
Ed. UFRGS, 2006, 317 págs., R\$ 40*, organizado por Fernando Schnaid, Milton Antônio Zaro e Maria Isabel Timm

*Preços nas Livrarias da UFRGS (www.livraria.ufrgs.br)

Um pouco sobre Manuel Bandeira

Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho nasceu em Recife no dia 19 de abril de 1886, mas considera-se um carioca por ter suas mais remotas lembranças associadas à Petrópolis, onde cresceu. Ainda na meninice, escrevia versos por divertimento, chegando a vê-los publicados em jornal quando adolescente. Por essa época, parte para São Paulo a fim de estudar na Escola Politécnica, mas no fim deste ano adoece e tem de abandonar os estudos para sempre. Busca tratamento em Campos de Jordão, Campanha e outras localidades de clima seco até que o pai reúne todas as economias da família para mandá-lo à Suíça, onde esteve no Sanatório de Clavadel de junho de 1913 a outubro de 1914. Em

1916, falece sua mãe, Francelina, e no ano seguinte publica seu primeiro livro, *A cinza das horas*, iniciando uma brilhante carreira poética.

Além de poeta, Bandeira foi um grande crítico e tradutor, tendo vertido para o português poemas de Antonio Machado, Garcia Lorca, Jorge Luis Borges, Elizabeth Bishop, Charles Baudelaire, além de traduções que fez de Shakespeare, Schiller, Brecht, Proust, entre outros. Como crítico era um grande conhecedor de literatura hispano-americana, tendo escrito um livro intitulado *Literatura hispano-americana*, em 1949, além de *Noções de história das literaturas* (1940), *Apresentação da poesia brasileira* (1941) e *Mário de Andrade* (1954).

Prêmio para as artes de Porto Alegre

Reconhecimento
O primeiro Açorianos de Artes Plásticas contribuiu para a valorização da produção artística local

José Carlos de Azevedo

Reconhecimento. Esta foi a palavra que ouvi de todos que entrevistei para fazer este texto, quando lhes perguntei sobre a importância da instituição do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas. A comunidade artística de Porto Alegre há muito esperava pela criação de um prêmio específico para as artes plásticas e compareceu em peso à entrega do 1º Açorianos na noite de 8 de maio, no Teatro Renascença.

“Foi uma festa, que reuniu todas as gerações das artes plásticas porto-alegrenses”, disse o artista e diretor do Instituto de Artes da UFRGS, Alfredo Nicolaiewsky. De Cristina Balbão, 90 anos, ex-professora da instituição homenageada na premiação, a jovens alunos do IA/UFRGS e do Atelier Livre da Prefeitura, todos foram testemunhar esse momento importante para a arte da capital gaúcha.

A crítica recorrente entre os presentes referiu-se ao surgimento tardio do prêmio. Os Açorianos de música, teatro e literatura são distribuídos pela Secretaria Municipal de Cultura (SMC) há muitos anos. O de literatura, por exemplo, teve neste ano sua 14ª edição. De acordo com Ana Luz Pettini, foi o apoio recebido da atual administração municipal que possibilitou a instituição do prêmio. “A comunidade artística de Porto Alegre esperava por isso há muito”, afirmou a coordenadora de Artes Plásticas da SMC.

Para Alfredo Nicolaiewsky, a ausência de um prêmio específico para

a área fazia com que os artistas se sentissem desconsiderados. “Era como se não existíssemos. A criação do Açorianos de Artes Plásticas tem vários benefícios, desde o reconhecimento da existência da produção local de artes até a reflexão sobre o conjunto dessa produção.” Blanca Brites, professora do Instituto e integrante do júri de premiação, afirmou que a iniciativa “colocou a produção dos artistas plásticos da cidade em pé de igualdade do ponto de vista institucional com as demais áreas da cultura, que já tinham premiação há mais tempo”. Conforme Ana Pettini, um dos aspectos determinantes para o atraso no surgimento do prêmio foi o fato de que as artes plásticas não têm tanta visibilidade quanto outras formas de expressão artística.

Crítica sem espaço na mídia – A falta de uma crítica especializada que dê conta das múltiplas expressões da arte contemporânea nos veículos de comunicação locais é, certamente, uma lacuna que uma cidade que preza sua cultura não deveria admitir. Porto Alegre não carece de pessoas capazes de realizar essa tarefa analítico-reflexiva. O que falta é espaço na mídia. Segundo a coordenadora de Artes Plásticas da SMC, “depois de Aldo Obino, tivemos inserções críticas, mas elas permanecem intermitentes”, opinião compartilhada pelo artista plástico Luciano Zanette, para quem “a crítica de arte na mídia porto-alegrense pulsa, mas não é uma corrente contínua”. Ele conquistou o Prêmio Açorianos de Artista Destaque Especial do Ano, pela exposição *Mobiliário melancólico*, que apresentou esculturas inspiradas em mesas, cadeiras e outros móveis cuja função e significado foram subvertidos pela manipulação da forma (*veja entrevista com o artista nesta página*).

Para o diretor do Instituto de Artes, a divulgação da produção local de artes plásticas é escassa porque o sistema de artes daqui não faz propaganda paga. “Como não entra dinheiro para os veículos de comunicação, o espaço é reduzido.” Ana Pettini en-

caixa mais uma pedrinha do quebra-cabeça ao afirmar que os mega-projetos de artes visuais que acontecem na cidade, que têm mídia paga, às vezes restringem o espaço dos artistas locais.

Um espaço de divulgação da produção de artes visuais de Porto Alegre que mereceu reconhecimento do Prêmio Açorianos foi o site *Art Web*, criado pelo ex-aluno do Departamento de Artes Visuais, Leandro Selister, e pela ex-professora do mesmo departamento, Eunice Gavioli. O site recebeu um prêmio especial pelo trabalho de divulgação da arte local, que realiza de forma incansável e livre de compromissos comerciais.

Para a primeira edição do Prêmio Açorianos de Artes Plásticas o júri escolheu os projetos e artistas vencedores a partir de materiais relativos a exposições que já haviam terminado. Esses documentos foram compilados por um júri de seleção e enviados ao júri de premiação, que apontou os vencedores de cada categoria. Ana Pettini explica que essa foi a melhor maneira encontrada pela Coordenação de Artes Plásticas da SMC para fazer com que a primeira edição do Açorianos de Artes Plásticas acontecesse ainda em 2007. “Era importante instituir logo o prêmio. Se não fizessemos desse modo, só poderíamos realizar a entrega do prêmio em 2008, perdendo a oportunidade de reconhecer a produção do ano passado, muito rica e estimulante”, diz ela.

A criação e a administração de um prêmio cultural requer ajustes constantes para que esteja em sintonia com a cena que quer representar. A coordenadora reconhece que faltou a inclusão da categoria “Fotografia” no Prêmio Açorianos de Artes Plásticas, erro que será corrigido já na próxima edição, garante.

E a divisão do prêmio em categorias tradicionais, será que consegue dar conta de uma produção que permanece questionando suportes, incorporando novas tecnologias e misturando elementos de diferentes expressões artísticas em uma mesma obra? Ana afirma que a nomenclatura das categorias pode ser interpretada de forma ampla e crê que, com o passar do tempo, novas categorias serão acrescentadas. Por sua vez, Alfredo Nicolaiewsky, vê virtudes na divisão tradicional das categorias. “Desse modo acabamos ‘obrigados’ a olhar para áreas que, às vezes, não recebem a atenção que merecem, como a gravura e a cerâmica.”

O certo é que artistas e pesquisadores, muitos deles egressos do Instituto de Artes da UFRGS, tiveram seus esforços reconhecidos com a indicação e com a distribuição do Açorianos de Artes Plásticas. Mais do que o espírito de competição comum a esse tipo de atividade, o sentimento que prevaleceu entre os artistas foi o de congregação. Para a comunidade de artes visuais de Porto Alegre, uma injustiça cultural foi corrigida. As palavras de Blanca Brites sintetizam o estado de espírito dos artistas e pesquisadores de arte da capital gaúcha: “Todos se sentiram premiados”.



Luciano Zanette, ganhador do prêmio Açorianos de Artista Destaque Especial 2006

A conquista de um criador de novos sentidos para os objetos

São muitos os motivos de Luciano Zanette para ter ótimas recordações de maio de 2007. Além de conquistar o principal prêmio Açorianos de Artes Plásticas, o de Artista Destaque Especial de 2006, e também o prêmio na categoria Escultura, Luciano formou-se mestre em Poéticas Visuais pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRGS no mesmo mês. Visivelmente satisfeito, o jovem artista fala nesta entrevista do processo de criação das peças da exposição *Mobiliário melancólico* e da surpresa com a reação do público.

Jornal da Universidade – Fiquei impressionado com a força transmitida pelas esculturas da exposição *Mobiliário melancólico*. Como chegaste a esse resultado?

Luciano Zanette – A coisa toda começou como tema em 1987, 1988, ainda que as palavras mobiliário e melancólico tenham aparecido no final do processo. Comecei com desenho e, com o tempo, passei a incorporar objetos ao meu trabalho. Os objetos que crio fazem referência a utensílios de uso cotidiano, muito próximos de todos nós. Para mim, interessava pensar não só a interdição do uso costumeiro desses objetos, mas as tensões poderia estabelecer com minha proposta. O resultado é um objeto que é reconhecível, que tem significado comum a todas as pessoas, mas que também é estranho, que pode ter sentido diferente para cada indivíduo.

JU – Muitos não conseguem acompanhar ou aceitar o processo de evolução e de dissolução das formas tradicionais de expressão artística. O Brasil está sintonizado com a “metamorfose ambulante” que é a arte contemporânea?

LZ – Hoje em dia não se fala em uma evolução da arte. As artes plásticas são multifacetadas e admitem o convívio de diferentes percepções, escolas e procedimentos. Tem gente que permanece em um só tipo de proposta artística por toda a vida, mas há aqueles que se lançam ao desconhecido, ao novo. Neste último grupo, há grandes artistas como a Elaine Tedesco, que trabalha e vive aqui no sul e foi selecionada para a Bienal de Veneza. Temos outros exemplos, como Lucia Koch, Daniel Acosta e Elida Tessler, artistas formados pelo Instituto de Artes que saíram para o mundo, participando de importantes eventos. Ao mesmo tempo, temos artistas gaúchos com uma concepção de arte mais tradicional. Não vejo isso como um problema. Com a multiplicidade da arte contemporânea, cada um pode seguir seu percurso da maneira que achar melhor.

JU – A falta de espaço regular na mídia para a crítica de arte dificulta a repercussão de propostas menos convencionais junto ao público?

LZ – Temos nichos como a Universidade, que é produtora de conhecimento, assim como o próprio artista, que produz um pensamento que tenta dar conta do seu trabalho. Em uma cena em permanente mutação como a atual, o crítico muitas vezes fica desamparado, tendo que encarar obras e propostas absolutamente distintas umas das outras – algumas delas muito pessoais, intimamente ligadas à biografia dos artistas que as produziram. Mas concordo quando tu dizes que não existe mesmo um canal que possa dar vazão para toda a produção de arte em Porto Alegre.

“

Um aspecto interessante que surgiu com a exposição é que as pessoas se sentem atraídas pelos objetos, se sentem tentadas a usá-los, mesmo que eles sejam incômodos...”

LUCIANO ZANETTE



► Destaque

Fabico recebe festival de cinema



Karina Carvalho em cena de *Por causa do Papai Noel*

CineEsquemaNovo terá três sessões com exibição de curtas-metragem

Reconhecido desde 2003 como uma das primeiras mostras do país a derrubar a distinção formal entre cinema, vídeo e digital, bem como entre gêneros e linguagens, promovendo também as novas mídias como formatos cinematográficos legítimos e autônomos, o CineEsquemaNovo 2007 - Festival de Cinema de Porto Alegre, terá, nesta edição, sessões de exibição de filmes no auditório da Fabico. Todos os suportes imagináveis, do 35mm e suas variações até uma produção feita em um telefone celular, são aceitos em pé de igualdade no festival.

O Cineesquemanovo (CEN) foi um

grupo criado em 2001 e que conta com o jornalista Alisson Avila, o realizador Gustavo Spolidoro e as produtoras culturais Jaqueline Beltrame e Morgana Rissinger. Sem querer oferecer respostas definitivas sobre o futuro da imagem, o CEN traz um fato à tona: a renovação audiovisual proporcionada pela tecnologia e pela mistura de gêneros que, muitas vezes, marca a produção. Neste ano, foram inscritas 803 produções, oriundas de todo o Brasil, sendo 759 curtas e médias e 44 longas-metragens.

Os filmes exibidos na Fabico fazem parte da Mostra Sala de Aula, em que foram inscritos 164 filmes (incluindo dois longas) e selecionados 21, que serão divididos em três sessões e exibidos na Famecos/PUC-RS, na ESPM e na Fabico. Na UFRGS, a organização do festival tem a participação da jornalista Fatimarei Lunardelli e do aluno Rafael Conter.

Programação

No dia 28, de junho, no auditório da Fabico, haverá três sessões diferentes: às 12h30min, às 14h30min e às 16h30min. Ao final de cada exibição, o público poderá votar para a escolha do melhor filme. A entrada é franca.

Mostra Sala de Aula 1

Horário: 12h30min
Tempo total de projeção: 96min

- "...", de Juliano Gomes e Leonardo Bittencourt (RJ) - 19min30 - PUC/RJ - 2007
- A ESTÓRIA DA FIGUEIRA, de Julia Zakia (SP) - 16min - ECA-USP/SP - 2006
- A MUDANÇA DE PEDRO E PAULA, dir. Fernanda Fraiz (SC) - 18min30 - Unisul/SC - 2007
- BALADA DE UM FILME PORNOGRÁFICO, de Anita da Silveira (RJ) - 25min40 - PUC/RJ - 2007
- COMO ENFRENTAR OS DESAFIOS DA VIDA MODERNA, de Leonardo Maestrelli (RS) - 9min - PUC/RS - 2006
- CRISÁLIDAS, de Fernando Mendes (MG) - 7min15 - UFMG - 2006

Mostra Sala de Aula 2

Horário: 14h30min
Tempo total de projeção: 90min

- ESTERTOR, de Davi Moori, Diogo Andrade e Victor Reis (SP) - 15min - Faculdade Cásper Líbero/SP - 2006
- FREQUÊNCIA HANOI, de Daniel Lisboa e Diego Lisboa (BA) - 9min45seg - FTC/BA - 2006
- INAH, de Alvaro Magalhães (SP) - 10min15seg - ECA-USP/SP - 2006
- LA SOSPECHA, de Eduardo Barioni e Sibiri Sawadogo (SP) - 6min16seg - EICTV/CUBA - 2006
- MACHINA SAPIENS, de Gabriel Klein (RS) - 5min34seg - UNISINOS/RS - 2006
- MATE-SE VOCÊ MESMO, de Henrique Hadddefinir (RJ) - 14min - Buteco Cinematográfico/RJ - 2006
- OS TRÊS MOSQUITEIROS, de Isaías de Carvalho e Ludio Vilaia (RJ) - 14min - Ponto de cultura Alice prepara o gato!/RJ 2006
- POR CAUSA DO PAPAÍ NOEL, de Mara Salla (SC) - 14min 57seg - Unisul/SC - 2006

Mostra Sala de Aula 3

Horário: 16h30min
Tempo total de projeção: 91min

- SABA, de Gregório Graziosi e Thereza Menezes (SP) - 15min - FAAP/SP - 2006
- SELF-SERVICE, de Gabriel Barros (SP) - 5min - FAAP/SP - 2007
- SEM MAIS DELONGAS, de Frederico Ruas (RS) - 22min15seg - Unisinos/RS - 2006
- TREM FANTASMA, de Sérgio Gomes (MG) - 16min - UNA/MG - 2006
- TORTO, de Samuel Alves de Castro (SP) - 12min47seg - Oficina Querô/RJ - 2006
- UM FILME CHAMADO SFINCTER, de Zeca Brito (RS) - 15min30seg - Unisinos/RS - 2006
- ZUMBIS, de Gustavo Chiappetta e Livia Rojas (SP) - 6min10seg - ECA-USP/SP - 2007

► PALESTRAS

Formação para professores

Atividades para docentes da rede municipal de ensino de Porto Alegre, promovidas pela Pró-reitoria de Extensão e pela Secretaria Municipal de Educação. Inscrições através do site www.museum.ufrgs.br/agendamento
Datas: 23 e 30 de junho

Canção brasileira: idéias para a sala de aula, com Luciana Del-Bem (doutora em Música pela UFRGS)
Horário: 8h30min

Cinema e ensino: proposta para a sala de aula, com Miriam Rossini (doutora em História pela UFRGS)
Horário: 9h15min

Museu como lugar de educação não escolar, com Zita Possami (doutora em História pela UFRGS)
Horário: 10h15min

Divulgação das ações do Museu, Cinema e Unimúsica no ano de 2007
Horário: 11h

► CINEMA/DVD/VÍDEO

A História vai ao cinema com Aplicação

Novas exibições de filmes do projeto de extensão do Colégio de Aplicação da UFRGS. As sessões são seguidas de debates com professores. Mais informações podem ser obtidas pelos telefones 3308-3436 ou 3308-4022.



AS VINHAS DA IRA
(Drama, EUA, 128 min, 1940), de John Ford.

Filme baseado no clássico de John Steinbeck que acompanha a trajetória de uma família de trabalhadores rurais pobres durante a Grande Depressão de 1929. Com Henry Fonda e John Carradine.

Data: 20 de junho, quarta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Ingresso: R\$ 2,50, no local

VIDAS SECAS

(Drama, Brasil 1963, 123 min), de Nelson Pereira dos Santos. A miséria, a seca e a fome. Temas atuais ou retrospectiva histórica? Ambos. Isso é o que se pode ver ao assistir esta produção de 1963 - um retrato genial da miséria que assola o povo do sertão nordestino. O filme é uma das melhores adaptações já feitas do romance homônimo de Graciliano Ramos. Com Átala Lório, Jofre Soares e Maria Ribeiro. Data: 4 de julho, quarta-feira
Local e horário: Sala Redenção, 19h
Ingresso: R\$ 2,50

A LÍNGUA DAS MARIPOSAS

(Drama, Espanha, 95 min, 1999), de José Luis Cuadrá. Às portas da Guerra Civil, a Espanha vive um momento de turbulência. Os monarquistas foram banidos e há uma tensão entre os republicanos e os militares. Em meio a esse estado, Moncho, um garoto de 7 anos, enfrenta a dura batalha da entrada na escola e do primeiro contato com outras crianças. Ele será ajudado por Don Gregorio, o velho professor, conhecido por suas idéias libertárias. Mas essa relação será abalada pelo golpe dos militares. Com Fernando Fernán Gómez, Manuel Lozano, Uxia Blanco, Gonzalo Martin Uriarte e Alexis de Los Santos. Data: 11 de julho, quarta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Ingresso: R\$ 2,50

► MÚSICA

Projeto Unimúsica

Encontro com Izabel Padovani, Ronaldo Saggiolato, Marcelo Onofri e Anderson Alves, em que os artistas compartilham suas reflexões sobre a música popular brasileira. Data: 4 de julho, quarta-feira
Local e horário: estúdio principal da Rádio da Universidade, às 17h30min
Entrada franca, vagas limitadas com inscrições no Museu da UFRGS



CARLOS KIPINSKI

Izabel Padovani Quarteto apresenta "Na linha de Braguinha"
Vencedora do Prêmio Visa de Música Brasileira em 2005, a cantora Izabel Padovani apresenta show com repertório baseado na obra de Braguinha. Data: 5 de julho, quinta-feira
Local e horário: Salão de Atos, às 19h
Retirada de senhas no Museu da UFRGS, a partir do dia 2 de julho, das 9h às 18h, mediante a doação de 1kg de alimento não-perecível, ou através de agendamento pelo site www.museum.ufrgs.br

Conflitos periféricos no século XXI

Ciclo de filmes que destaca aspectos políticos, econômicos e sociais dos conflitos na periferia do mundo capitalista.

HOTEL RUANDA

(Drama, Estados Unidos, Inglaterra, Itália, África do Sul, 121 min, 2004), de Terry George.

Em meio a uma guerra civil, homem abre o hotel que gerencia para abrigar a maior quantidade possível de refugiados. Com Don Cheadle e Joaquin Phoenix. Após a exibição, debate com o professor Luiz Dário Teixeira Ribeiro e os estudantes Larissa Durbo Grisa e Luciano Quednau Thomé.

Data: 6 de julho, sexta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Taxas de inscrição R\$ 10, com certificado de participação e R\$ 2 para espectador individual

BOLÍVIA: HISTÓRIA DE UMA CRISE

(Documentário, EUA, 87min, 2005), de Rachel Boynton.

Documentário que registra a campanha do candidato à presidência da Bolívia Gonzalo Sánchez de Lozada. Após a exibição, debate com a professora Claudia Wasserman e o acadêmico Cassio Felipe de Oliveira Pires.

Data: 13 de julho, sexta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Taxas de inscrição R\$ 10,00 (com certificado de participação) ou R\$ 2,00 para espectador individual.

► TEATRO



ELISA VITALI

O Defunto

Atração deste mês do projeto Teatro, Pesquisa e Extensão, a peça é baseada na obra de René de Obaldia e mostra o encontro de duas mulheres, a esposa e amante, transtornadas pela saudade do amado que morreu. Elas lembram do falecido e encontram cumplicidade na confissão da solidão. A direção é de Cláudia Sachs e as atuações são de Áurea Baptista e Lívia Dávalos. Temporada: 20 e 27 de julho, quartas
Local e horário: Sala Alzira Azevedo, em sessões às 12h30min e às 19h30min
Entrada franca com retirada de senhas uma hora antes de cada apresentação.

► ESPECIAL

Fronteiras do pensamento

Seminário Internacional organizado pela Copesul em parceria com a UFRGS, UERGS, Unisinos e PUCRS. O evento ocorre no Salão de Atos da UFRGS, das 19h30min às 22h. Informações pelo telefone 3333-6476 ou através do site www.fronteiradopensamento.com.br

A INSTITUIÇÃO DO SEXO ESTÁ EM TODOS OS LUGARES

Conferências com Mark Dery e Donald Schüler. Dery é crítico cultural e escreve sobre mídia, tendências na periferia e cultura marginal. Schüler é professor, tradutor e escritor. Data: 26 de junho, terça-feira

FREEWORLD: PORQUE UMA CRISE DO OESTE REVELA A OPORTUNIDADE DE NOSSO TEMPO

Conferências com Timothy Garton Ash e Fernando Gabeira. Garton é político, escritor e professor da Universidade de Oxford. Gabeira é escritor, jornalista e deputado federal pelo Partido Verde do Rio de Janeiro. Data: 3 de julho, terça-feira

O CINEMA ESTÁ MORTO. VIDA LONGA AO CINEMA.

Conferência com Peter Greenaway, cineasta e roteirista britânico. Data: 10 de julho, terça-feira

Festa do cinema francês

A Aliança Francesa, a Sala Redenção e a Embaixada da França apresentam uma mostra de sete filmes franceses, retratando a realidade da mulher na sociedade.



DE VÍBORA EM PUNHO

(Drama, França/Reino Unido, 100 min, 2004), de Philippe De Broca.

O filme conta, num tom tragicômico, o combate impiedoso e ferozmente engraçado travado por uma criança contra sua própria mãe, numa família burguesa no final dos anos 20. Com Catherine Frot, Jacques Villeret, Jules Sitruk.

Data: 25 de junho, segunda-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Entrada franca

SOB A AREIA

(Drama, França, 95 min, 2001), de François Ozon.

Marie e Jean formam um casal abastado com mais de 20 anos de vida em comum, que passam as férias numa região costeira, em sua casa de campo. Certa tarde, enquanto ela dorme na praia, o marido desaparece. Com Charlotte Rampling.

Data: 26 de junho, terça-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Entrada franca

SAMIA

(Drama, França, 73 min, 2000), de Philippe Faucon. Samia tem 15 anos e vive na periferia de Marselha. Filha de uma tradicional família argelina, ela se sente sufocada sob o peso da moral repleta de tabus que respeita, mas não compartilha mais. Com Kheira Qualhaci, Lynda Benahouda. Data: 27 de junho, quarta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Entrada franca

SENHORITA

(Drama, França, 85 min, 2000), de Philippe Lioret.

Claire, uma moça conservadora, descobre uma nova vida ao perder o trem de volta para casa. Com Isabelle Candelier, Jacques Boudet.

Data: 28 de junho, quinta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Entrada franca

UM DIA DE RAINHA

(Comédia, França, 94 min, 2001), de Marion Vernoux.

Uma jornada pela vida de cinco personagens, mostrando uma rede de atrações entre homens e mulheres em que todos jogam com o inesperado. Com Karin Viard e Hélène Fillières.

Data: 29 de junho, sexta-feira
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Entrada franca

OITO MULHERES

(Comédia Policial, França, 103 min, 2001), de François Ozon.

Um assassinato é cometido numa antiga casa isolada, e as suspeitas recaem sobre as oito mulheres que freqüentam o local cercado pela neve. O filme foi um dos maiores sucessos de 2001 na França. Com Catherine Deneuve, Fanny Ardant, Virginie Ledoyen.

Data: 30 de junho, sábado
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Entrada franca

LOUISE

(Comédia, França, 115 min, 1998), de Siegfried.

A vida da jovem Louise, sempre à beira do precipício, entre o mundo das drogas e dos furtos. Com Elodie Bouchez, Roschdy Zem e Gérard Thomassin. Data: 1º de julho, domingo
Local e horário: Sala Redenção, às 19h
Entrada franca

► Onde?

- Salão de Atos
Av. Paulo Gama, 110
- Sala Redenção
Av. Paulo Gama, s/nº
- Fabico
R. Ramiro Barcelos, 2705

Persistência

Com quase 30 anos de vida dedicados ao trabalho no IFCH, Ilga Schauren nunca desiste de seus objetivos

Uma batalhadora. É assim que Ilga Schauren pode ser definida. Trabalhando há 29 anos no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), ela é o braço direito da administração do Instituto. Profunda conhecedora dos meandros, da rotina e do funcionamento da instituição, ela começou a trabalhar na UFRGS no dia 3 de julho de 1978. Inicialmente contratada para a função de secretária da Pós-graduação do IFCH, permaneceu no cargo até 1993, quando foi transferida para a função de assessora administrativa, na qual permanece até hoje.

Ilga ingressou na Universidade através de um convênio com a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), empresa pública vinculada ao Ministério de Ciência e Tecnologia. O curso de pós-graduação, que na época era coordenado pelo professor Héglio Trindade, estava iniciando vários novos projetos de pesquisa e precisava de um assistente em administração. Contratada, trabalhou alguns anos através do convênio e, em 1984, foi efetivada.

Durante o tempo em que trabalha no Instituto, ela viu o Campus do Vale crescer e se consolidar como um espaço de convívio e estudo. Conhecida e respeitada por todos, Ilga acredita que a relação entre alunos, professores e servidores é um dos diferenciais da unidade. “O IFCH é bastante familiar, todo o pessoal se dá bem. Grande parte dos professores eu conheci como alunos de graduação. É uma relação de muita cumplicidade. Me envolvo em tudo, entro aqui pela manhã e, às vezes, saio no final da noite. Conheço tudo e todos me cohecem.”

De obrigação a prazer – O trabalho há muito deixou de ser uma obrigação para Ilga. “Eu já podia estar aposentada, mas sigo trabalhando porque quero. Não tenho razões para parar, gosto do que faço, gosto de estar aqui e acho que faço bem o meu trabalho”, diz.

A rotina na assessoria administrativa do IFCH começa às 8h30min da manhã. Ao meio-dia, ela almoça, às vezes no campus e às vezes em casa, e retorna ao trabalho ao redor das 13h30min. À noite, Ilga não tem horário para ir para casa. “Faço tudo que é tipo de coisa, oriento professores e alunos, encaminho processos. Boa parte das questões administrativas passam por mim”, observa.

Ao longo dos quase 30 anos de universidade, Ilga viu muitas mudanças no trabalho. A maior de todas veio com a tecnologia e a informatização. “No início, quando atuava na Pós-graduação, os relatórios, a papelada toda, era feita à mão ou com aquelas máquinas de escrever. Quando se datilografava algo errado, tinha de se fazer tudo de novo. Levava-se muito tempo para realizar tarefas que hoje são feitas em minutos. Quando se passou a trabalhar com o computador ficou tudo mais fácil”, afirma. Apesar das facilidades, Ilga entende que o advento da informática trouxe um considerável aumento no ritmo e na carga de trabalho, ampliando o número de tarefas diárias.

Juliano Tatsch, estudante do 8º semestre de Jornalismo da Fabco



CAMILA ROSS

Uma adolescente sozinha em Porto Alegre

Ilga Schauren nasceu e foi criada no interior do município de Arroio do Meio, na região do Alto Taquari, a cerca de 150 km de Porto Alegre. De família humilde, seus pais eram pequenos agricultores, e numerosa, é a décima primeira filha de um total de 16 irmãos, nove homens e sete mulheres, ela cultivava o sonho de vir para a capital para poder estudar. Apesar da resistência dos pais, que achavam a idéia uma aventura, não desistiu do objetivo. “Na época dizia-se que vir para Porto Alegre era um horror, pois era muito longe, tinha muita gente, era perigoso, mas a minha vontade era mais forte”, lembra.

Decidida, Ilga não seguiu os conselhos dos familiares e veio para a capital, sozinha e, com um detalhe, aos 14 anos. Alguns irmãos já

tinham saído de casa antes. Ela ainda lembra quando o primeiro irmão foi embora. “Antes de ele sair de casa, o pai disse que tínhamos de bater uma fotografia da família. A foto foi tirada, só que depois disso ainda nasceu mais um irmão”, lembra com um sorriso. No interior, as condições de se aperfeiçoar profissionalmente eram poucas. A escola era rural e só disponibilizava o ensino até a quinta série. O único meio de estudar mais era saindo de casa e vindo para a capital.

Em Porto Alegre, ela ficou morando em um internato de irmãs franciscanas, o Ginásio Santa Clara, que ficava nos fundos da Igreja São Pedro, situada na Avenida Cristóvão Colombo. Passados os primeiros seis meses, voltou à cidade natal, para matar das saudades de casa. Depois disso, só retornaria ao interior para visitar a família durante o período de férias.

durante o período de férias.

Nos cinco anos em que morou no internato, Ilga trabalhou na escola, na área de manutenção e infra-estrutura. A solidão de viver sozinha era diminuída pela presença das colegas que moravam junto no colégio e que, em sua grande maioria, compartilhavam a mesma situação. Mas ela tinha uma vantagem: uma tia, que se tornara freira, também residia no internato.

Nessa época, a principal dificuldade foi acostumar-se à movimentação da cidade. Nos primeiros dias e meses Ilga sentiu a diferença entre morar na tranquilidade do interior e viver na agitação da cidade grande. “Vir do interior para a capital não é fácil para quem nunca tinha saído de casa. À noite, não conseguia dormir porque ficava ouvindo o barulho do bonde que passava na Cristóvão Colombo.”

Ao terminar o ensino fundamental, ela saiu da antiga escola e fez o ensino médio no Colégio Farrou-pilha, onde também realizou o curso técnico em contabilidade. Quando estava no segundo ano, voltou a trabalhar no internato, agora no setor administrativo, na contabilidade e na secretaria. Ilga terminou o ensino médio e, durante um período, teve dois empregos, na escola, que ela não queria largar, e no IFCH. Trabalhou no internato até o mês de dezembro de 1978, quando teve de sair. Com dois filhos pequenos, Luis Fernando, hoje com 30 anos e cursando informática na Universidade, e Simone que, infelizmente, faleceu em agosto de 1979, com apenas um ano e três meses de idade em consequência de uma infecção generalizada, não foi fácil tomar conta de tudo.

Vida de desafios e conquistas

Depois de oito anos trabalhando na Universidade, período no qual nasceu sua segunda filha, Denise, hoje com 25 anos e cursando enfermagem na UFRGS, Ilga resolveu que era o momento de também fazer uma faculdade. A escolha por Ciências Contábeis foi natural. Começava aí mais um desafio. Aos 34 anos, mãe de um casal de filhos, esposa e trabalhadora, Ilga passaria a ser, novamente, estudante. Quando fez o vestibular na PUCRS em 1986, não achava que conseguiria passar. Conquistou a vaga e decidiu que iria encarar o desafio. “Depois que passei, resolvi que iria em frente, pois sou o tipo de pessoa que não desiste no meio do caminho”, enfatiza.

Ela formou-se em 1990, mas nunca exerceu a profissão na qual se graduou, embora a conclusão de um curso superior tenha sido uma das grandes conquistas que teve na vida. “Sou a única dos 16 irmãos que fez uma faculdade. Acho que isso foi um privilégio que me foi concedido e que eu consegui conquistar”.

Em 1995, depois de 20 anos de casada, ela se separou do marido e passou a viver somente com os filhos. O restante da família, com exceção de um irmão que mora com ela, ainda vive no interior. A mãe reside em Arroio do Meio e irá completar 89 anos no próximo dia 3 de julho, com muito boa saúde. Os outros irmãos vivem todos próximos nas cidades vizinhas. O pai faleceu em 1984.

Ilga morou no colégio de freiras até 1974 e depois se mudou para a Vila Floresta, onde ficou por três anos. Em setembro de 1977, instalou-se na Lomba do Pinheiro, onde vive até hoje. Ela diz gostar do lugar e enumera suas vantagens: é perto do trabalho e o terreno em que a casa foi construída é grande, quase uma chácara, com árvores frutíferas e hortas. “Comprei o terreno em 1976. Desde então, a região cresceu muito. Antes, não tinha asfalto, esgoto e nem água encanada” observa.

Segundo ela, sua formação pessoal deve-se, principalmente, à rigidez de princípios dos pais e aos ensinamentos que eles passaram para os filhos. “Uma coisa que aprendi com meu pai foi a importância da honestidade. Quando criança, se eu chegasse em casa trazendo um lápis que não fosse meu, ele me obrigava a devolver imediatamente.”

Ilga Schauren acredita ter realizado boa parte dos sonhos que teve na vida, como ver os filhos criados, estudando e trabalhando. “Acho que já conquistei bastante coisa na vida, como, por exemplo, a casa própria, um sonho que eu consegui realizar. Terminar o curso superior também, pois vim para Porto Alegre para isso, para estudar”, afirma. Um desejo, porém, esta mulher de 54 anos ainda mantém. “Eu ainda não desisti da vontade de cursar a faculdade de Direito. É um sonho, que sei que posso alcançar”, conclui.



ARQUIVO PESSOAL

Apesar de ter se formado em Ciências Contábeis, Ilga não desistiu do sonho de cursar Direito



O amor

TEXTO FLÁVIO DUTRA

pedindo passagem



As fotos desta página foram feitas nas estações ou nos trens da Trensurb, em Porto Alegre. A intenção é mostrar um pouco do cotidiano destes espaços, com um recorte feito a partir das relações de proximidade, de afeto, de carinho. Uma homenagem do Jornal da Universidade ao 12 de junho, como o dia dos que se querem bem. Os fotógrafos fizeram estas imagens durante uma saída a campo do Projeto Porto Alegre, que está documentando a cidade, seus espaços e suas pessoas com fotografias em filmes preto e branco, câmeras analógicas e revelação convencional. Outras imagens podem ser vistas em www.projetocontato.com.